

residência em processo

2024

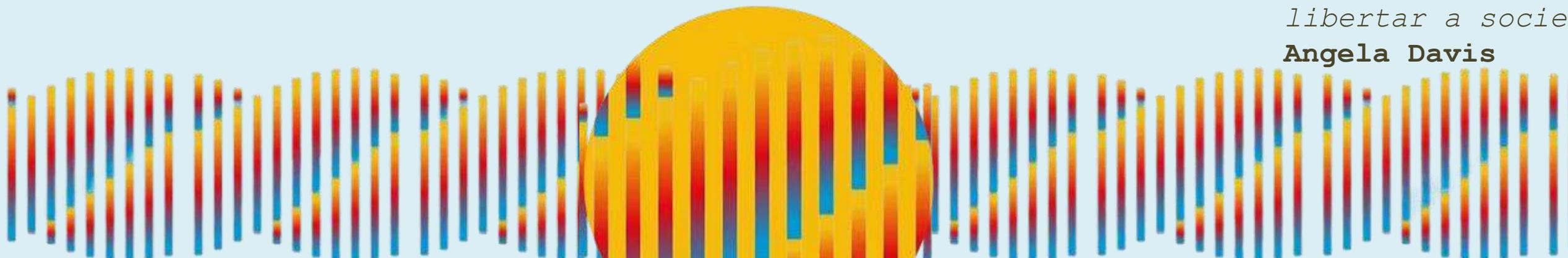
EXPOSIÇÃO RESIDÊNCIA
BLACK BRAZIL ART



decolonizando as cinco peles

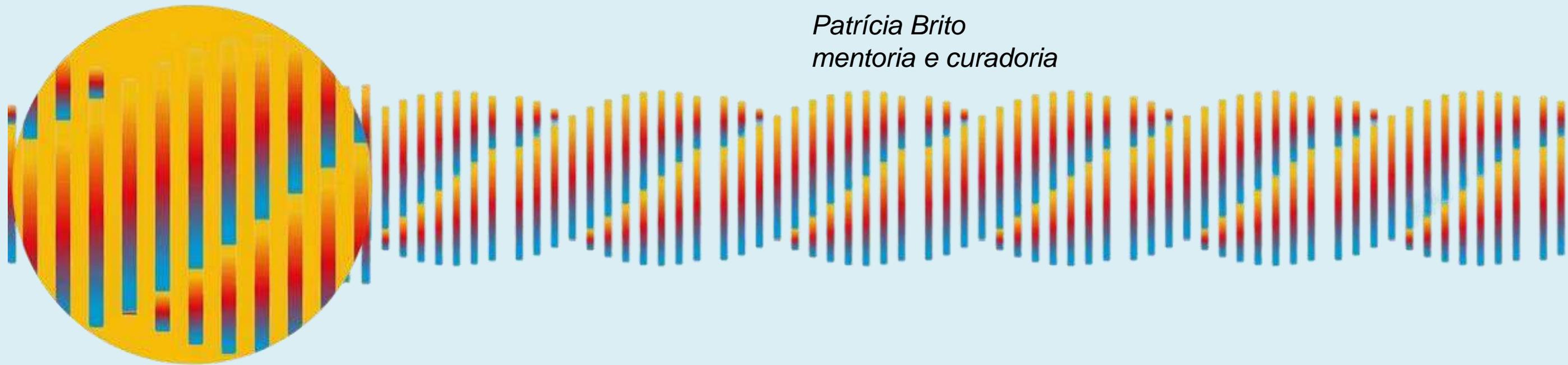
*Temos que falar sobre
libertar mentes
tanto quanto sobre
libertar a sociedade.*

Angela Davis



artistas

Alice Rheingantz (MG)
Angela Maria Xavier Freitas (RS)
Aryanna Bueno (GO)
Audrian Vinicius Cassanelli Griss (SC)
Carinne Lira (PB-RJ-PR)
Clarita Andréa Neves Müller (SP)
Dandara Patroclo (RJ)
Dener Luiz Carvalho (RS)
Denise Gomes Marinho (RJ)
Dhyogo Oliveira (MG-SP)
Fiamma Viola (DF-IT)
Gabriela Santos Souza (BA)
Herbert Otacilio Da Silva (SP)
Hugo Paz (SP)
Isabella Haru (DF-MG)
Jéssica Vieira (DF-SP-BA)
Juliana Araujo (SP)
Khauane Farias (RO)
Laryssa Monteiro Do Rosario (RJ)
Livia Passos (BA)
Lorena Maria de Jesus Flumignan (SP-MS)
Lourdes Isabel Miranda (MG)
Luana Rocha de Souza (PA-AP-MG)
Luciana Rosário (SP)
Maria Dulciney da Silva (SP)
Márcio Guedes (RJ)
Mariana Figueiredo (RJ-MG)
Marina Corbetta Benedet (SC)
Mutton André (SP)
Netto Vrt (RS)
Noberta Doia (PB)
Paloma Carmelita (MG)
Patricia Costa (RJ)
Rafael Fernando Serrão Chaves (PA)
Ricardo Almeida (SP)
Rodrigo Novack (SC)
Romario Batista (BA-ES)
Ronaldo Neves Ferreira (BA-DF)
Salette Lottermann (PR)
Teuller Moraes (MG)
Thaira Luiza Camanho (RJ)
Vanessa Mesquita (RS)
Wélisson Souza Silva (SP)
Alisha (US)*
Guacira Herrera (CO)*
Patrice Collem (US)*
Beatriz Vasconcellos Silva (RS)*
Gustavo da Silva Silva (RS)*
Sinara da Silva (RS)*
Silvana Oliveira Silveira (RS)*
Zuleide Zuca (RS)*



patuá

Patrícia Brito
mentoria e curadoria

Os *patuás*, ou amuletos contendo mensagens ou substâncias poderosas, têm raízes profundas nas tradições da diáspora africana. Esses objetos simbólicos, frequentemente usados no corpo, carregam a função de proteção, promoção de saúde e canalização de poder.

Selar os escritos dentro dos pacotes de contas segue a tradição africana de amuletos que inspirou esse exercício. Historicamente, os amuletos africanos são feitos de invólucros de couro ou tecido cheios de escritos sagrados e outros símbolos de poder. Fechar os amuletos torna seu conteúdo inacessível. Para os amuletos que contêm escritos, é a presença da palavra, e não a capacidade de lê-la, que confere seu poder. O invólucro funciona como um véu que eleva o conteúdo a um reino intangível e metafísico.

Os amuletos do povo Akan em Gana são chamados de Bansuri. Os povos Hausa e Yoruba da Nigéria fazem Tira, os afro-brasileiros fazem Patuá, os povos Bakongo no Congo fazem Minkisi e os afro-americanos nos Estados Unidos chamam seus amuletos de Mojo. A manifestação física de orações e amuletos é onipresente e se conecta a outras tradições culturais, bem como os Escapulários para católicos e Mezuzá na tradição judaica.

-
1. *Audrian Cassanelli, Patuá Pata de Vaca*
 2. *Andréa Müller, Patuá Como Ninho de Proteção*
 3. *Juliana Araújo, Patuá Vulva em Cerâmica*
 4. *Laryssa Monteiro, Patuá*
 5. *Isabella Haru, Patuá*
 6. *Denise Marinho, Patuá*



1



3



2



4



5



6



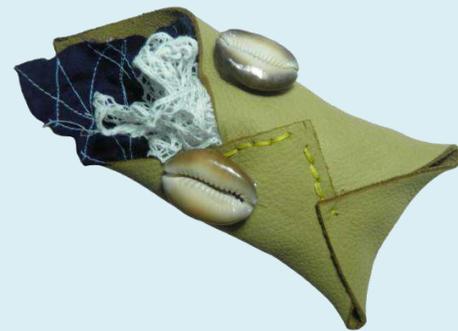
7



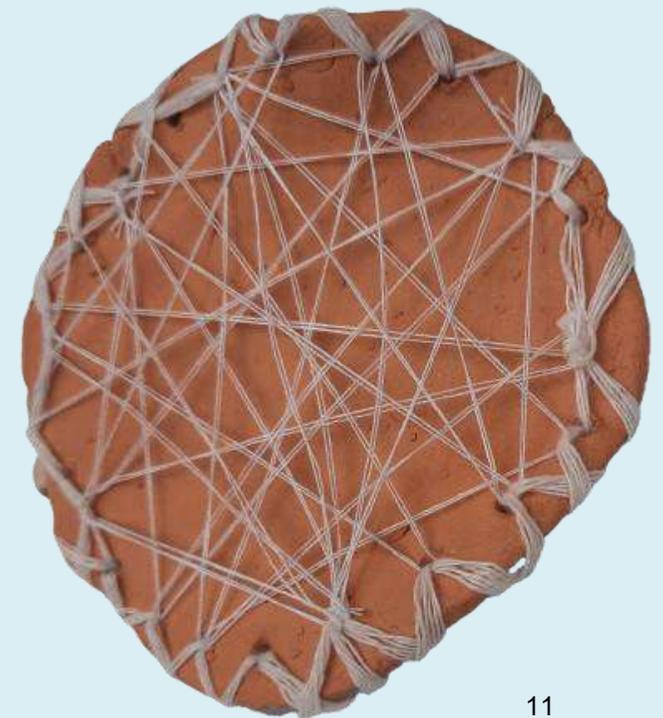
8



10



9



11

(...) a construção de patuás/desobjetos também se conecta com o conceito de "pele" como fronteira e interface.

-
- 7. Romário Batista, Patuá Branco, Vermelho, Azul
 - 8. Márcio Guedes, Patuá
 - 9. Paloma Carmelita, Patuá Apanhador de Pensamentos
 - 10. Olhoteu, Patuá Omululu
 - 11. Salete Lottermann, Patuá



12



14



15



17



13



16



18

-
- 12. Rodrigo Novack, Patuá
 - 13. Luciana Rosário, Patuá de Proteção
 - 14. Dener Luiz Carvalho, Patuá
 - 15. Patrícia Costa, Patuá Resistência
 - 16. Maria Dulciney da Silva, (DES)PATUÁ Q Pele
 - 17. Isabel Miranda, Patuá
 - 18. Netto Vrt, Patuá Ancestralidade

(...) construção de patuás e amuletos adquire um caráter profundamente decolonial.

(...) A desconstrução presente no desobjeto reflete esse impulso, pois questiona as formas rígidas e pré-determinadas de produção artística e simbólica. O processo de desconstrução e reconstrução de materiais - que podem incluir tecidos, pedaços de objetos do cotidiano, resíduos naturais ou industriais - torna-se uma metáfora para a desconstrução de narrativas coloniais e a reconstrução de identidades plurais e fluidas. Com isso, a criação de patuás como desobjetos dentro do tema decolonialidade das cinco peles promove uma reflexão profunda sobre o ato de criar, desconstruir e ressignificar. Não se trata apenas de produzir um objeto físico, mas de engajar em um processo simbólico e crítico, que desafia as fronteiras entre arte, espiritualidade e política. Esse gesto reafirma a importância de valorizar saberes e práticas que, embora marginalizados, carregam em si o potencial de transformar nossa relação com o mundo e conosco mesmos.



19



21



22



20

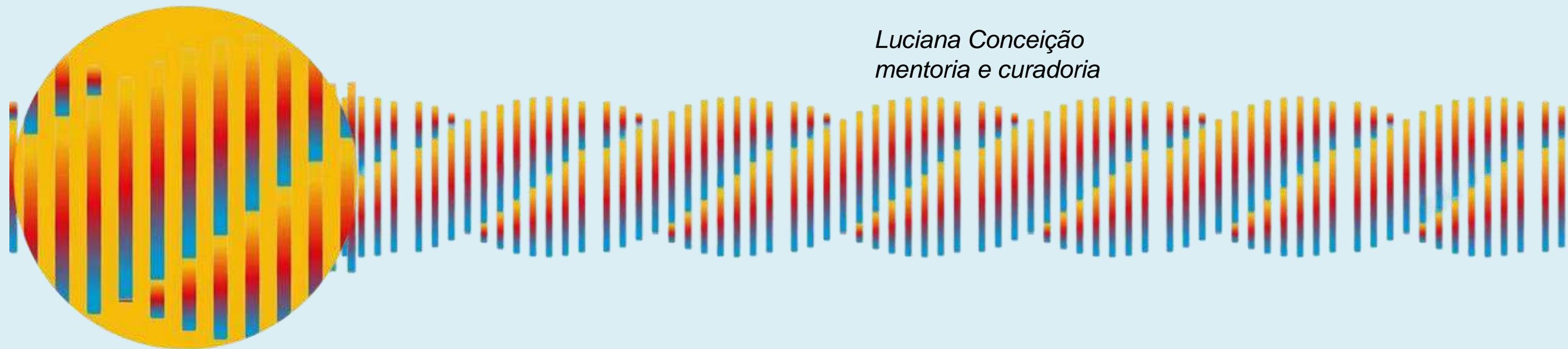


23



24

-
19. Mariana Figueiredo, *Patuá Pele e Escrita*
 20. Rafael da Luz, *Patuá O Espelho de Narciso não Me Reflete*
 21. Alice Rheingantz, *Proteção da Mata*
 22. Noberta Doia, *Patuá*
 23. Livia Passos, *Patuá Proteção e Energia*
 24. Andréa Müller, *Patuá Como Ninho de Proteção*



textura

Luciana Conceição
mentoria e curadoria

Nosso corpo é um TERRITÓRIO de texturas, vivências, imaginários e memórias. CORP-MATÉRIA, a partir do eixo texturas, convida a uma imersão profunda pelas camadas que nos revestem, habitadas por histórias e sentimentos. Entre o MUNDO e eu, a PELE, o maior órgão do corpo humano. Para o multiartista austríaco Hundertwasser, a epiderme é nossa primeira pele; uma espécie de capa que nos reveste organicamente, adornando GESTOS, expressões, movimentos, tramas. MAS é preciso DESCAMAR; desinventar sentimentos e percepções. À FLOR da pele forjamos possibilidades outras de romper o concreto, o casulo, a normalidade. ARREPIO. Furar a realidade. DESVELAR a matéria de que somos feitos. Radicalizar nossos IMAGINÁRIOS pensando a CRIAÇÃO de texturas outras para nossas peles. Uma pele tão minha que, portanto, do outro. Uma escrita tão nossa que, portanto, minha. A escrita enquanto textura da palavra. O som enquanto textura da voz. Imagens e palavras enquanto unidade poética. A poesia junta. ARREPIO.

ARREPIO
a pele
separa
o interno
do externo,
a poesia
junta.

paulo madureira



Saete Lottermann



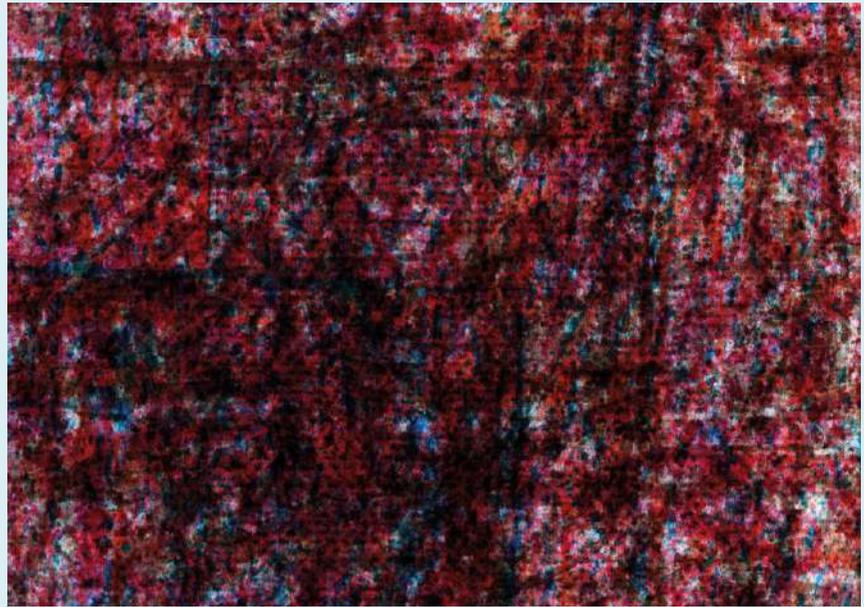
Romário Batista



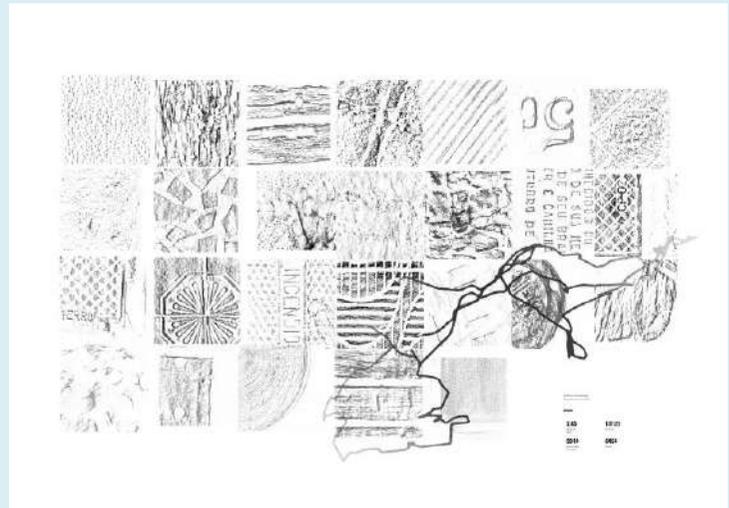
Rafael da Luz



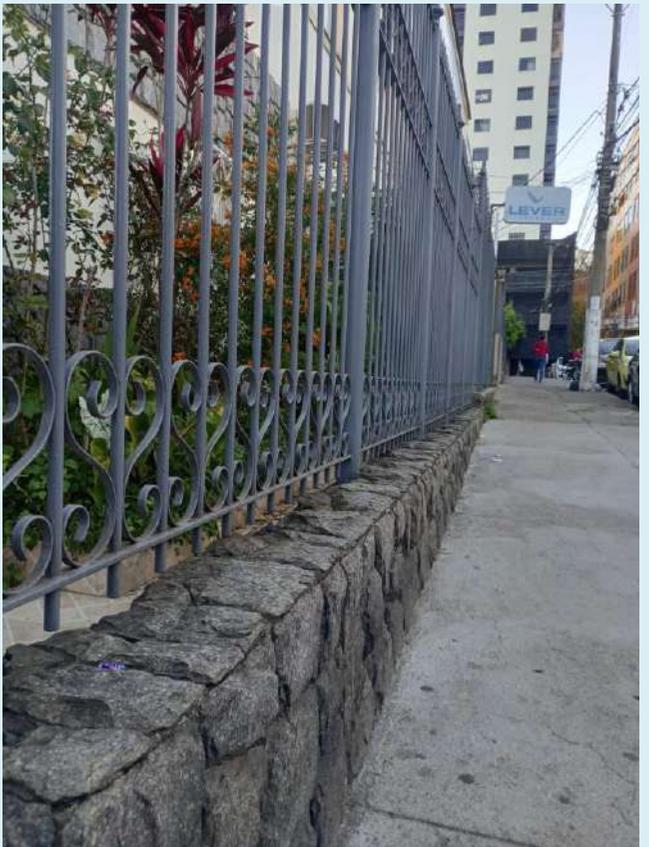
Rodrigo Novack



Patrícia Costa



olhoteu



Paloma Carmelita



Noberta Doia

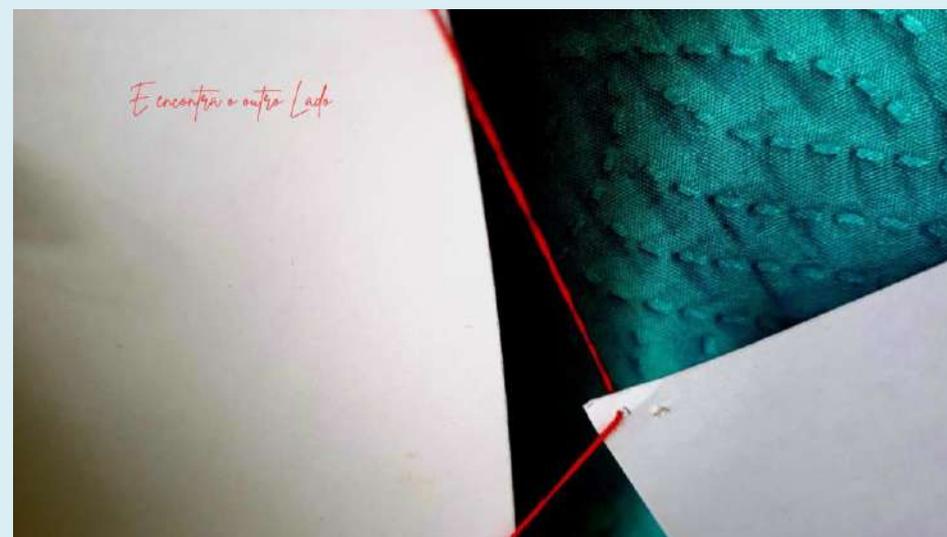
ATAVESAMENTO CONSTRÓI, A LINHA PORA
 OS INFANTOS INTERLIGA TUDO QUE HA
 • Meu corpo, um emaranhado que se perde
 entre emaranhados
 • A cinzeira! porra de FUNDO para!

NOYO NINHO
OSANGUE LEMBRA
A
MEMÓRIA

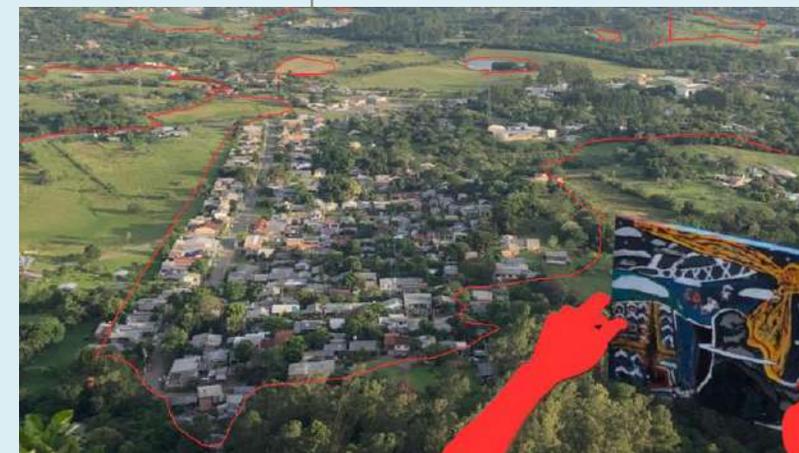
Após o Reconhecimento do mundo
 A memórias tanto canto
VOAR.....



Paloma Carmelita



Ernesto Valdez – Netto Vrt





Mariana Figueiredo

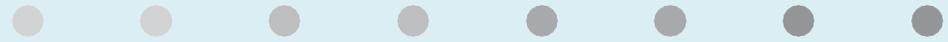
Ernesto Valdez – Netto Vrt



Du.S – Maria Dulciney



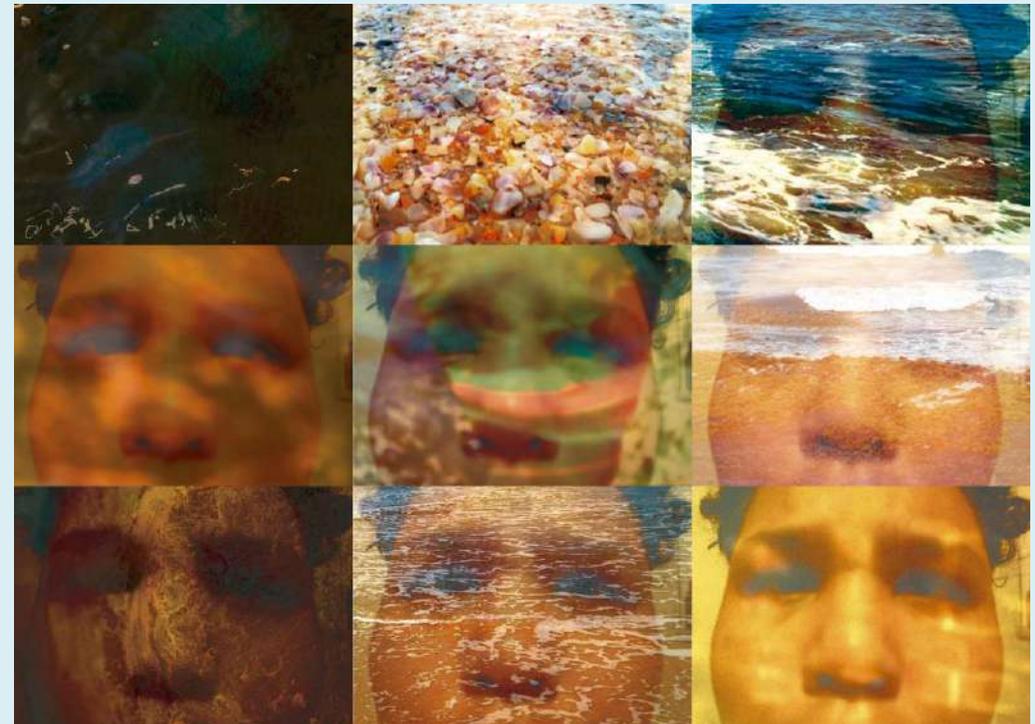
Luciana Rosário



Luana Rocha



Lívia Passos



Laryssa Monteiro



Juliana Araújo



Isabella Haru



Herbert Otacilio



Isabel Miranda

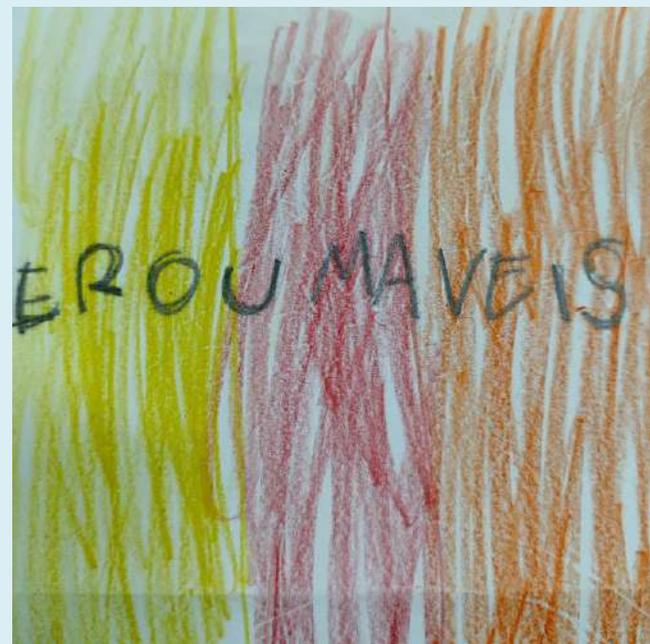


Denise Marinho





Dener Luiz Carvalho



Audrian Cassanelli



Andréa Müller



Alice Rheingantz

Homem: árvore invertida
Cabeça-raiz, centro de pensamentos, ideias e consciência
Tronco responsável pela sustentação e transporte
Membros podem parecer galhos, flores, folhas e frutos
Membros que realizam a fotossíntese
Membros que trabalham no mundo.

Não quero ser estrela.
Não quero! Não quero ser estrela.
Quero ser árvore. Árvore. Árvore.
Quero a possibilidade do ninho, mesmo que o pássaro não seja meu.

ERAUMAVEIS, imaginar formas de fazer brotar algo novo.
Chegou a achar que isso não fosse possível, chegou a pensar que tinha perdido o encanto... o corpo embrutecido começou a rachar; o incômodo que aquela pele-armadura tinha em sua prática... se livrar dessa pele antiga que não servia mais.

O que antes não tinha cor, agora está sendo pintado com tinta guache e pincel.
Entre massinhas de modelar, cartolinas e tintas, aprendemos a desenhar nossas histórias, enfrentamos dragões, monstros e a dureza da realidade.
Nesse caminho, aprendemos que não há brutalidade que resista à tinta guache e à cartolina... não há tempo cinza que resista.

os volumes e curvas que o tempo registra e ocupa
cavam memórias em nossas consciências, sejam aquelas onde perdemos nosso ônibus ou aquelas onde nos perdemos no tempo.
Às vezes, não noto o relógio registrando essas memórias, mas as lembranças existem, ocupam este espaço que suponho como concretizado.
O concreto é permanente e nosso tempo transitório

Outro tempo, as cirandas e o encantamento.
É imenso o tempo
Quase uma bolha de sabão
Encanta e estoura
Já reparou que as bolhas de sabão, são várias outras bem pequenas?
O tempo faz isso, estoura as bolhas....
O encantamento
A magia transbordante das cirandas
As rodas das cantigas, o bolo de fubá
O café passado

dreads são raízes que conectam corpo ao cosmos (...)
como o baobá, árvore sagrada da ancestralidade africana, cujas raízes profundas e tronco robusto guardam o tempo, as dores e os saberes do povo.
Carregar dreads é encarnar o baobá
Cada mecha é uma memória viva, entrelaçada com histórias de luta e sobrevivência
Essas tramas reverberam em texturas complexas
Meus dreads transcendem a estética: eles são gritos visuais que desafiam o racismo, sustentam a identidade e alimentam o espírito
Raiz de Baobá

Sou eu, pele e osso.
Sou eu, músculos e formas.
Sou eu, tecida em texturas.
Sou eu, sanguínea.
Sou eu, orgânica.
Pode-se pensar em todos os corpos.

Quais são as funções essenciais para a manutenção da vida?
É buscar o bem-viver quando corpo feito gente.
É manter a mata nativa quando corpo feito rio.
É realizar a adubação orgânica quando corpo feito terra.
É proteger os recursos naturais quando corpo feito bicho.

Não sei se sou eu que moldo o barro, ou se é ele que me molda.

o corpo é uma cidade de memórias

dizem

as minhas estão sempre inundadas
transbordo
pele água
denúncia
sensações

Depois de anos sem viajar de navio,
meus pés voltaram a navegar e caminhar.
Vai e vem da rede.
Café da manhã com vista para o rio. Teso.
Banheiro compartilhado. Bancos de areia.
Luz azul à noite. Barulho do motor.
Tédio.
Brega tocando acima.
Um movimento entre terra-rio, entre mundos.

Sentimento: textura de minha pele
aflorações,
se reverberam nela como rugas,
alterações de cor,
e sobretudo o rejuvenescimento,
apesar das novas marcas,
que o lançar se me presenteia.

Mãos que tecem
Mãos como o agente transformador,
Mãos com diversas texturas
Mãos produzem arte,
contam histórias e trazem emoção.

usaram a água como arma
eu faço dela santuário
água funda
água tanto
água história
onde tudo começa e termina
água vida

As palavras doces de um sonho
te dizem que o topo é branco,
mas te aprisionam na ilusão
de que o caminho é só o desencanto.

(...) o vermelho está dentro e fora,
é o tempo do agora na reafirmação do que foi
antes,
do que é memória, mas não deixou de ser ação.
O vermelho “é carne e latência das coisas”, (...)

Tornar-se negro é sentir
a pele que arde, que grita,
é carregar o fardo do silêncio
que a sociedade te limita.
É uma dor que entra na alma
e não se dissolve, não se apaga,
é a morte de tantos,
mas a sobrevivência da resistência.

A pele buscava o chão,
sentir os pesos dos pés sobre o território que nos
acolhe
e nos ameaça.
Memória. Memória de terra vermelha.
Saudade de casa. Saudade
de chão.
No meu tempo de criança se falava de
ter “pé vermelho de terra”
como uma marca do existir dos corpos.
Quem eram os corpos que tinham pés manchados
e andavam na terra?

O sangue lembra a memória

e o giz contra o papel até transferir.
crio uma nova camada de pele.
repito o movimento várias vezes.
atenção com os carros ao atravessar.
atenção com as pessoas que também observam.
distraio. vou e volto no mesmo caminho.
continuo por outro caminho diferente.
as cores se relacionam com os assuntos das superfícies.
repito o movimento até acabar o papel.
compro picolé. perco tempo. volto para onde tudo começou.
A cidade me deixa sem pele

Pelo caminho encontro mensagens na garrafa
De onde foi que vieram todas elas?

Traço o infinito por suas curvas
Quero me tornar eu mesma
Encantamento
Corpo
Rua

Toda a rua dança e canta a canção do meu nome
É de liberdade que eu tô falando.

imaginar outros mundos possíveis,
descolonizar imaginários
pensar narrativas plurais
a partir do corpo-memória.
a pele é uma escrita da vida
que se materializa em diversas grafias,
no silêncio das palavras
ao grito das imagens manipuladas.
Ananse resgata e devolve ao mundo,
uma cartografia de histórias
que permite escrever, contar e (re)contar
o começo e a continuidade.

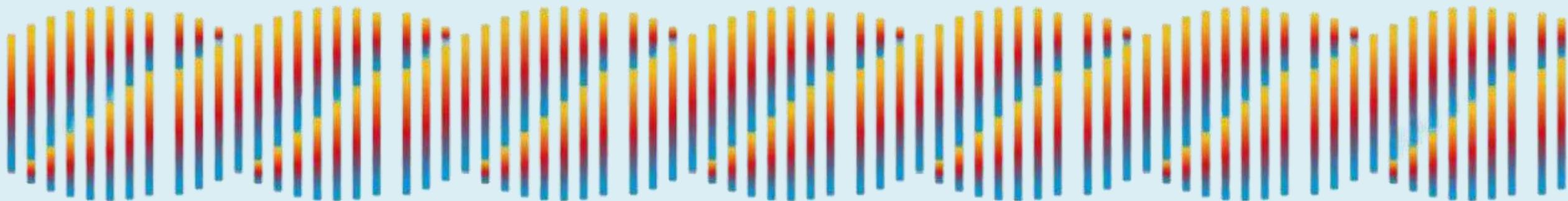
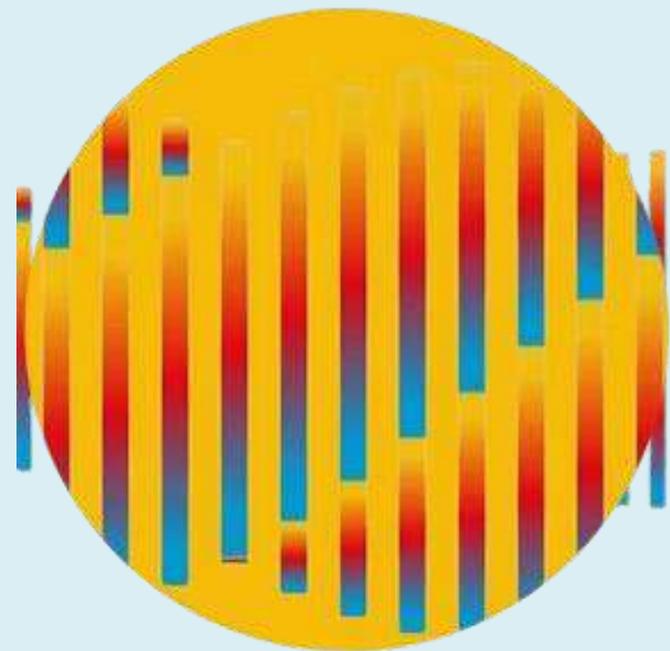
Romario Batista:
Minha pele carrega as marcas do tempo,
assim como os lugares ao meu redor.
Desde que me mudei para esta região,
tudo parece estar em constante transformação.
Os cenários que antes me eram familiares
já não existem mais.
É curioso perceber como o tempo
altera tanto o que está fora quanto o que está
dentro de nós.
Cartografia invertida

As palavras doces de um sonho
te dizem que o topo é branco,
mas te aprisionam na ilusão
de que o caminho é só o desencanto.

tenho olhado com mais atenção
para estas árvores aqui perto de casa.
São árvores marcadas pelo tempo,
em seus galhos cortados e cicatrizados
ou que brotam novamente
em uma resistência surpreendente,
suas cascas descamando,
raízes lutando para ter lugar
entre as calçadas

Nosso corpo já começa com uma pequena
cicatriz,
que nos inaugura para a vida fora do ventre
materno:

o corte do cordão umbilical.
A partir daí são marcas de tombos nas
brincadeiras,
um dente arrancado,
a mancha da vacina,
e a pele vai adquirindo camadas de vida
Peles árvore-tempo que me lembraram
as marcas de espinha no rosto,
das rugas causadas por sorrisos por tantos
tempos,
de tumores formando volumes arredondados,
tempo marcado na memória de galhos e brotos
perdidos.



corpo

Luiza Furtado
mentoria e curadoria

“Trama” é uma malha digital que se forma no encontro de gestos radicais* (Segade, 2019). Como resultado das trocas no eixo corpo: vestuário, ao longo da residência virtual da Black Brazil Art. Apresentamos uma composição de vídeos e fotografias que emergem do debate sobre as vestimentas simbólicas que atravessam a poética pessoal de cada artista.

A provocação da curadora Patrícia Brito, abordando a “teoria das cinco peles” do artista Hundertwasser por meio da leitura crítica, que trazem os estudos decolonias. Nos permite desafiar e atualizar, o manifesto concêntrico, que o austríaco propoe enquanto alternativa estrutural. Após sobreviver a segunda guerra, confrontado por “um mundo doente, declarado a sua própria ruína pelo racionalismo” (Bernardes Barros, Bianca. 2018).

A sua teoria “(...) definida por Peretta (2007) como representante de um corpo com fronteiras porosas e fluidas, dilatado e ampliado, composto por instâncias plurais, inclusive por esferas extra-humanas, capaz de potencializar em si mesmo uma discussão sobre ética, sentimento e corresponsabilidade para com o outro (Oliveira Decussatti, Dênis; Santos Teixeira, Fábio Luís; Oliveira Caminha, Iraquitán. 2016).

Aborda reflexões sobre o vestuário, enquanto a “segunda pele” no que tange as relações interpessoais; em termos

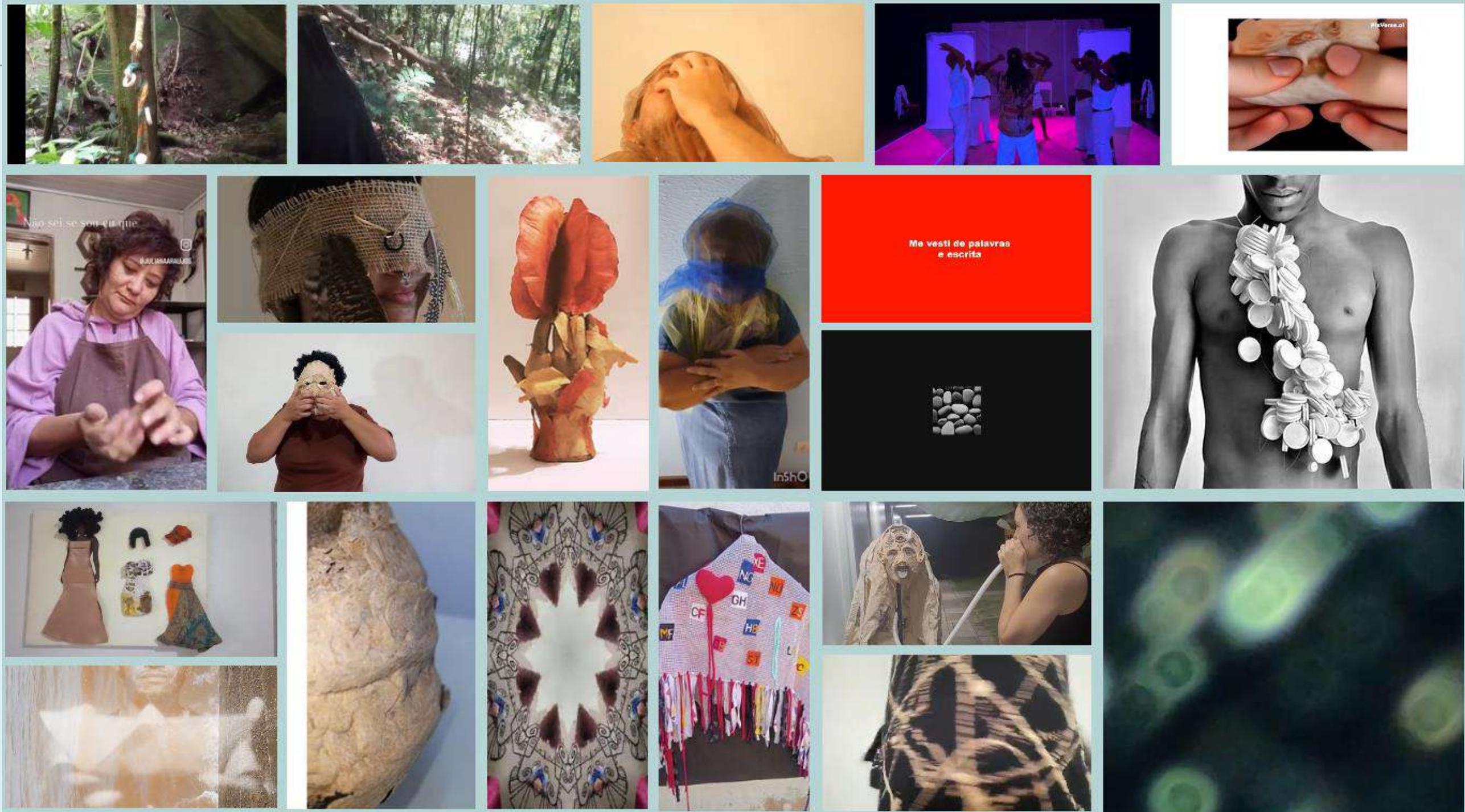
de poder e pertencimento. Com foco no consumo e ecologia, ao relacionar a globalização com o apagamento das individualidades. Hundertwasser defende a auto-confecção de roupas e sapatos como forma de liberação e resistência à uniformização promovida pela indústria.

Em vista que (...) a leitura desconstrutiva nunca é vista como completa, mas como uma abertura que exige mais desconstruções.” (Vaittinen, Tiina. 2022). O reconhecimento do seu pensamento de vanguarda, coexiste com o questionamento sobre a viabilidade de aplicar tais conceitos nos diferentes contextos que costuram o sul global.

Para compartilhar a sua visão, o artista desenha (1997) um espiralar de peles, a partir do seu corpo, que nomeia o “eu-profundo” de onde expandem as outras quatro camadas de interação com o mundo. Diante da produção discursiva, é importante localizar a posição eurocentrada em que se inscreve. A espiral rompe com a rigidez representada pela “linha reta”, mas segue uma -única- linha. Que transcende um modelo falho de (des)envolvimento, mas não resolve a questões no dito “meio global”, por seu carácter universalizante.

Protagonizar formulações interseccionais “para levar em conta as múltiplas fontes da identidade” (Crenshaw, Kimberlé.1994) imbricadas política e socialmente, com os efeitos que derivam da crise ambiental. Para discutir propostas futuras que abordam o nó da moda com a ecologia globalmente, é vital considerar os impactos do “neocolonialismo ecológico - uma manifestação das relações de poder historicamente persistentes e assimétricas entre países desenvolvidos (Norte) e países em desenvolvimento (Sul)” (Dias, Reinaldo. 2023).

“Trama” a palavra que nomeia o projeto, aparece como uma terceira leitura visual. Que da sequência, e compõe com as referências citadas, por meio do exercício de imaginar-se, teando com três eixos; a linha afetiva, a linha do material e a linha da pesquisa. Pensando as noções expandidas do vestir, por um viés contemporâneo, em que múltiplas espirais criativas formam um tecido mais consistente em sua complexidade analítica.

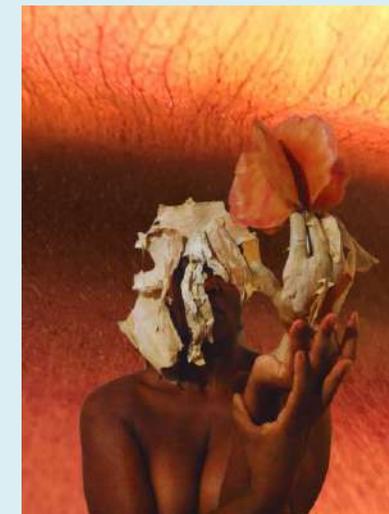




Audrian Cassanelli



Du.S - Maria Dulciney da Silva



Isabel Miranda



Noberta Doia



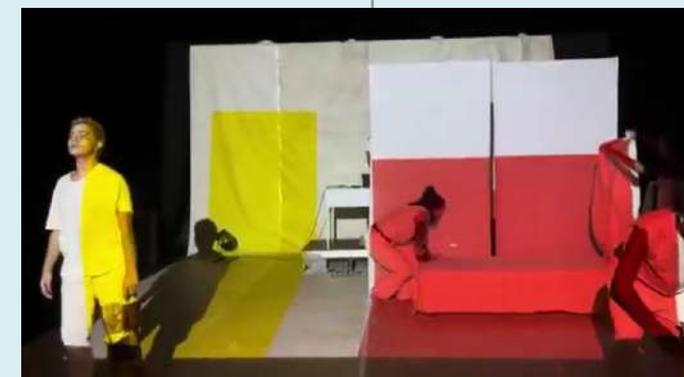
Andréa Müller



Alice Rheingantz



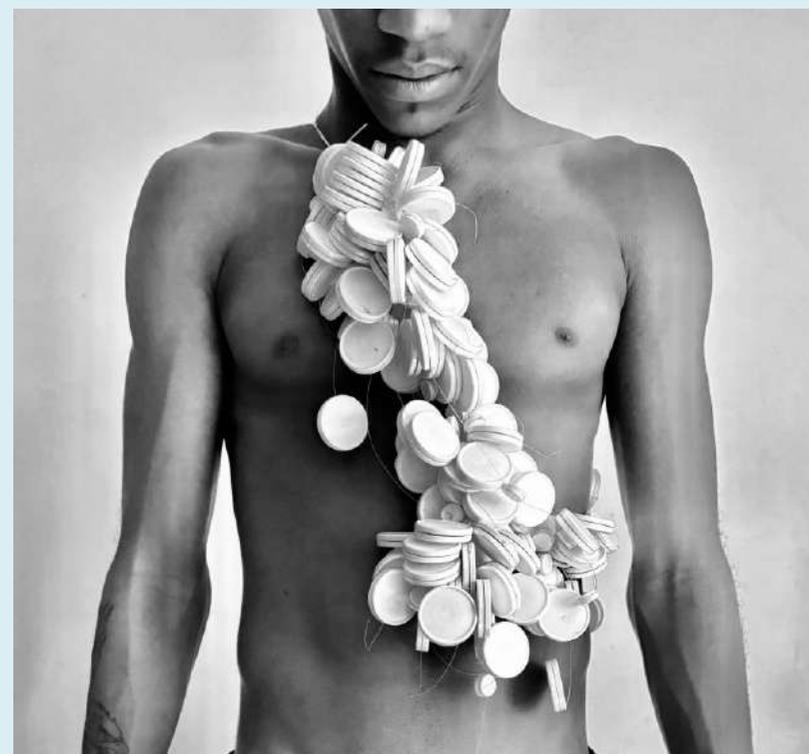
Isabella Haru



Herbert Otacílio



Paloma Carmelita



Lívia Passos



Luciana Rosário



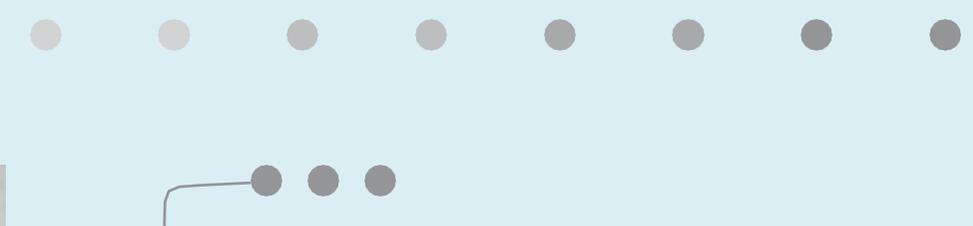
Juliana Araújo



Laryssa Monteiro



Mariana Figueiredo





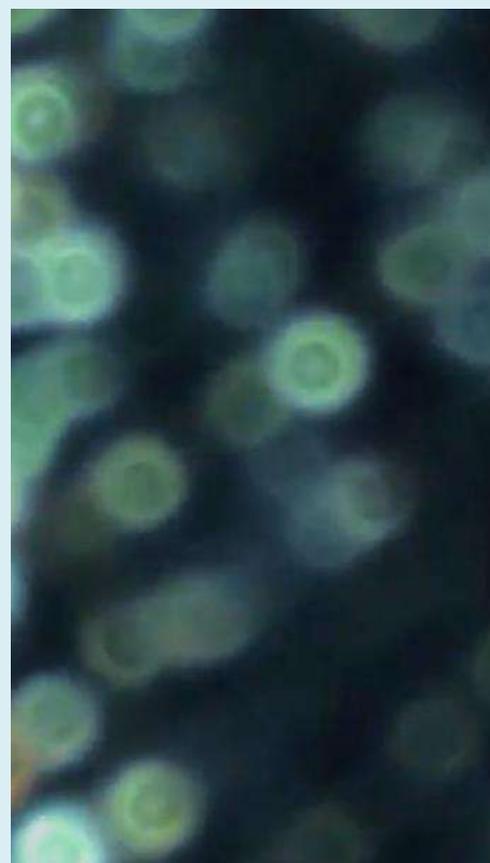
Saete Lottermann



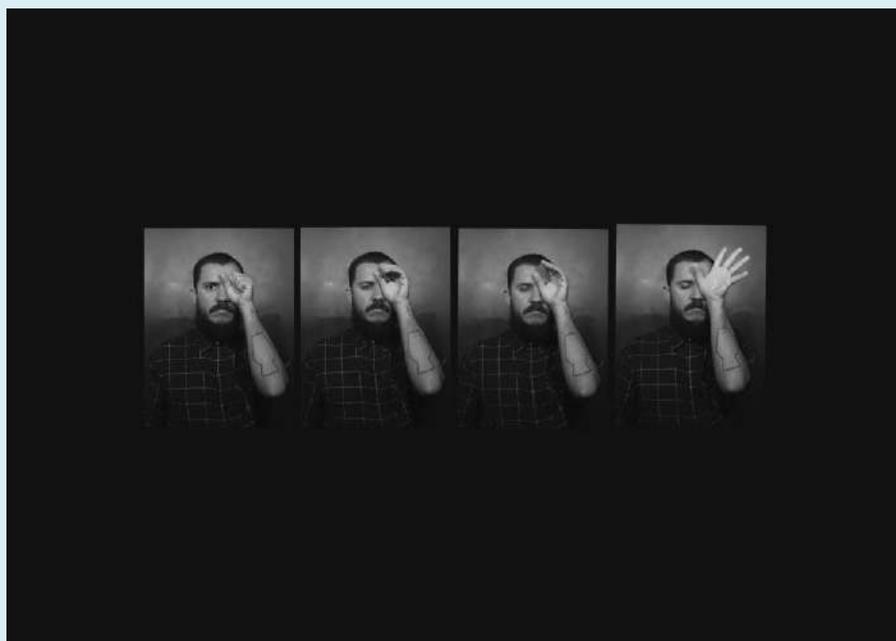
Rafael da Luz



Patrícia Costa



Wélisson Souza



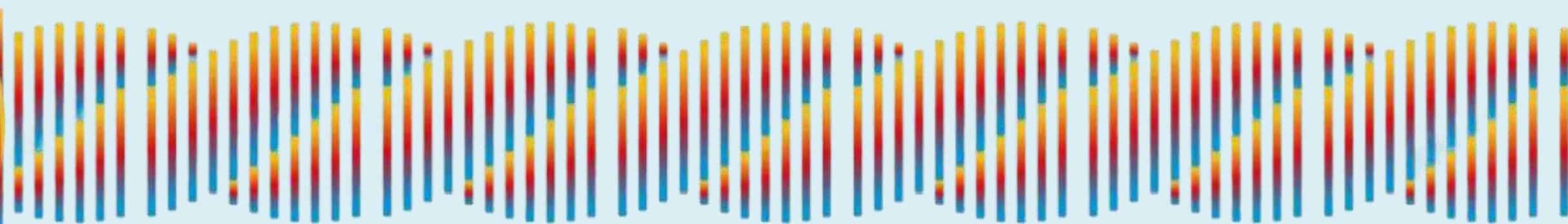
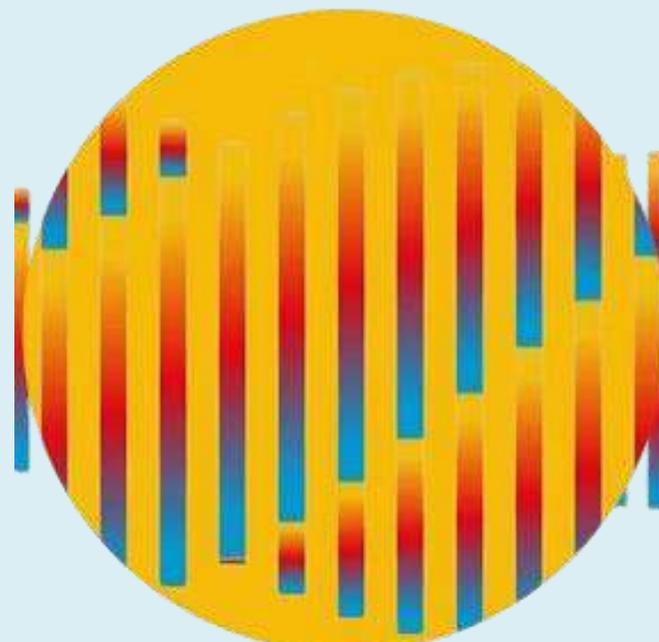
olhotu



Rodrigo Novack



Romário Batista

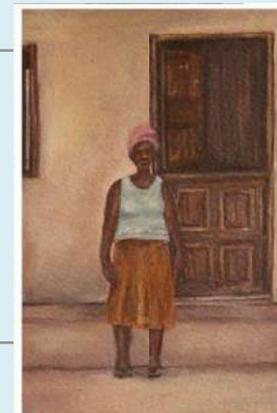
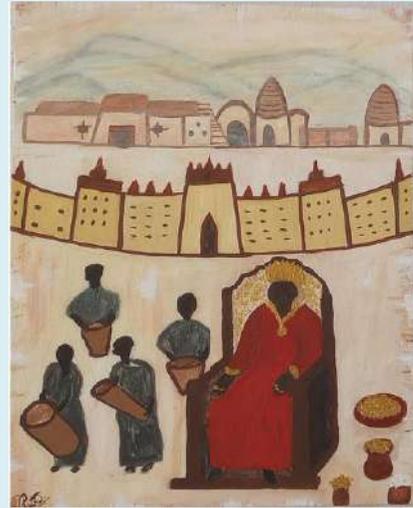


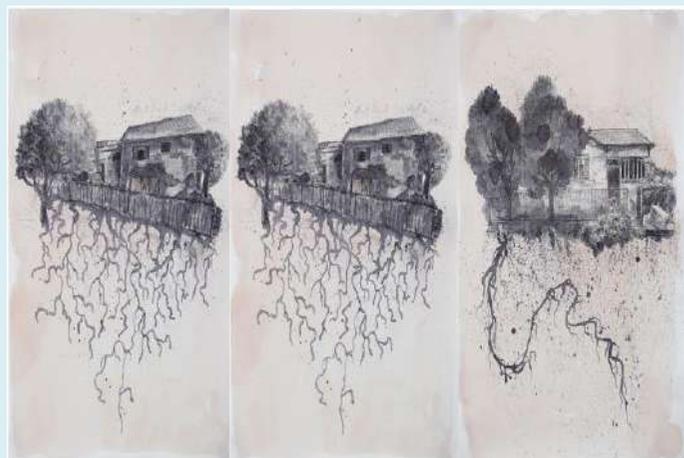
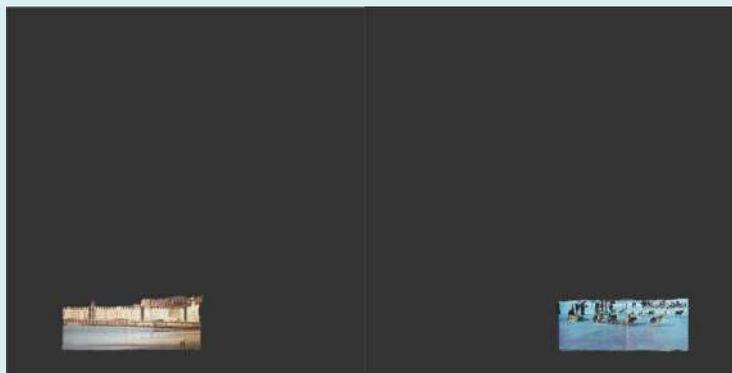
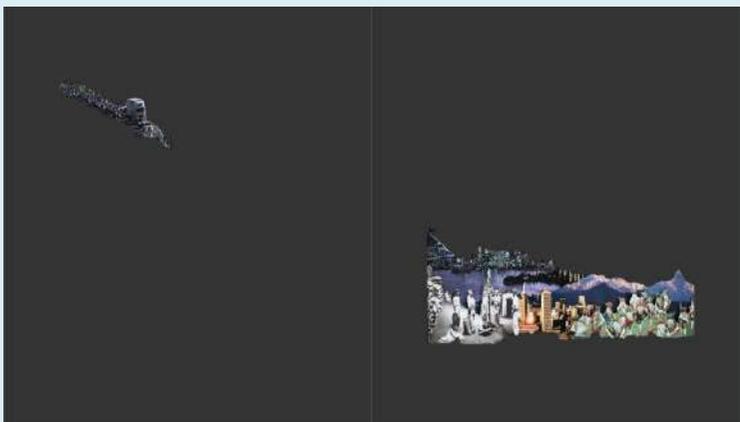
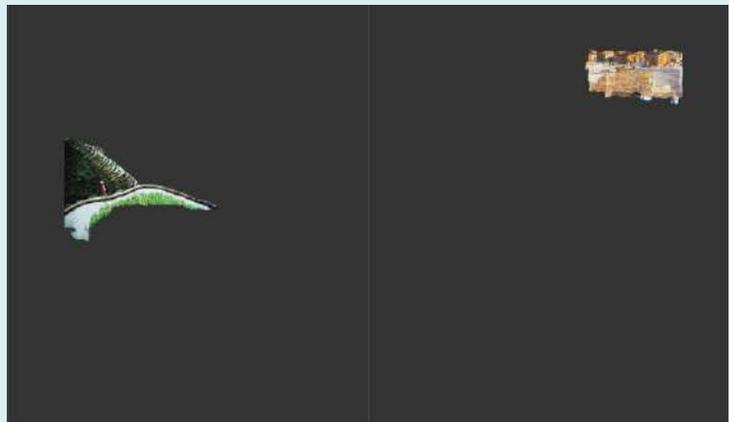
casa

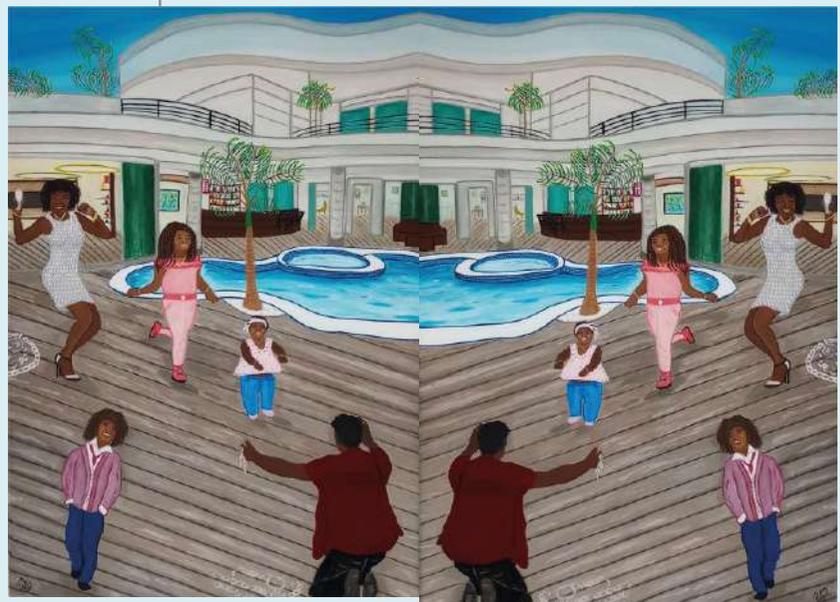
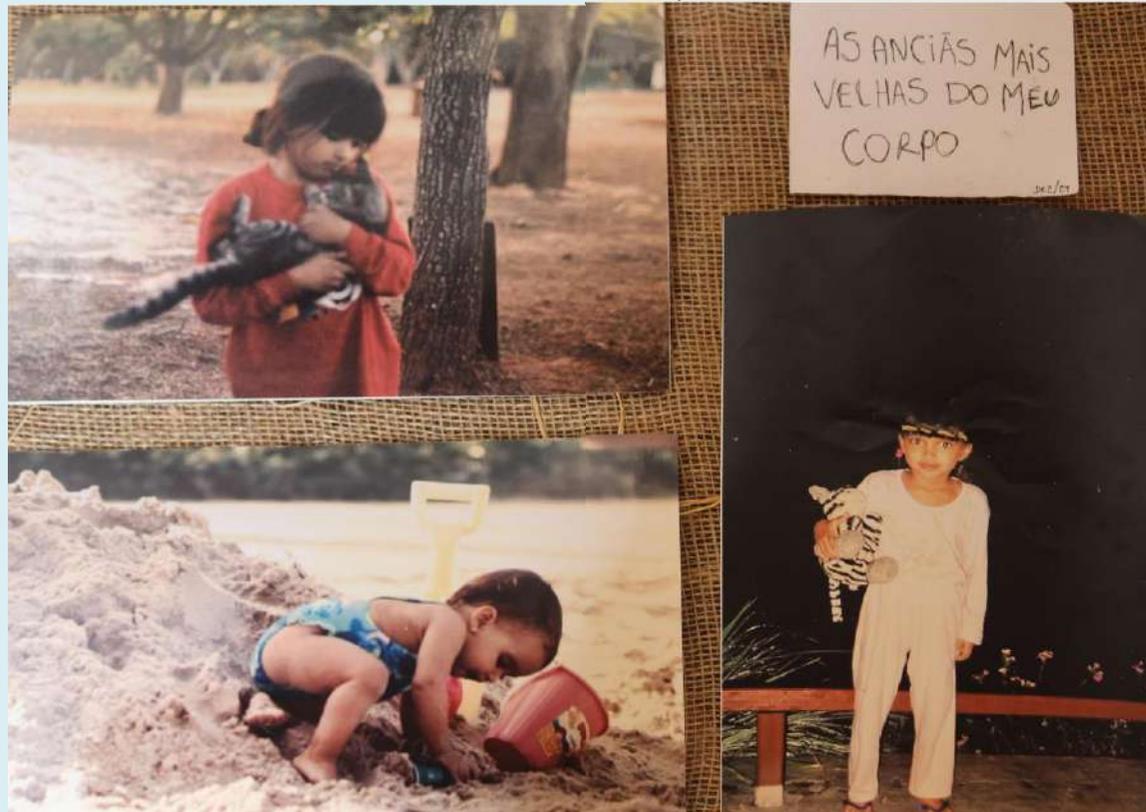
Matheus Crespo
mentoria e curadoria

Casa, residência e espaço; quais são os efeitos simbólicos e práticos que essas concepções provocam à artistas pertencentes a grupos não hegemônicos? Partimos dessa pergunta para tecer uma troca sensível e sincera, no intuito de compreender os espaços de privilégios, a partir do texto "Negros na piscina" de Diane Lima e caminhar pelo chão ancestral a partir da herança da arquitetura africana. Cada um dos livros foi composto pelas práticas realizadas pelos artistas. Propomos aqui, materialidades, temporalidades e especialidades outras, páginas que se comprimem e se expandem, opacidades e transparências, luzes e sombras. Do interior de casa volume escorrem água, ancestralidade, terra, afeto, encantamentos e encantados.

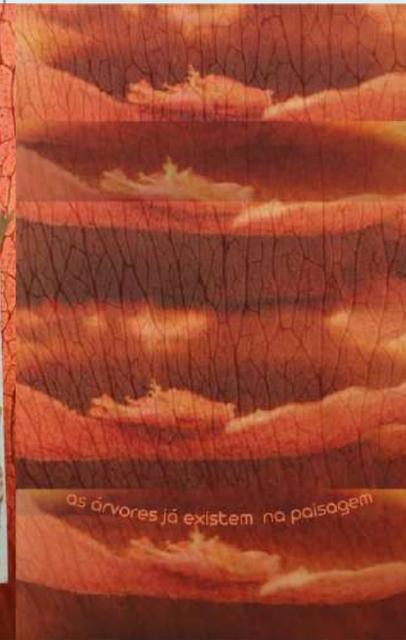
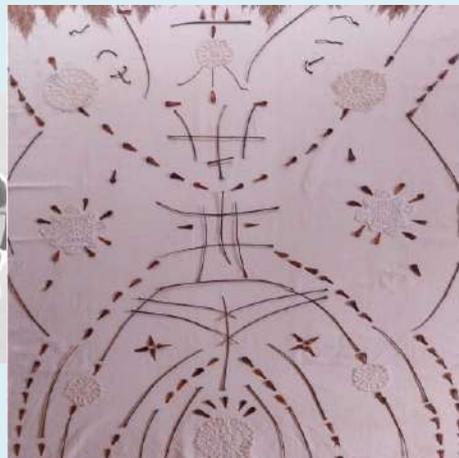
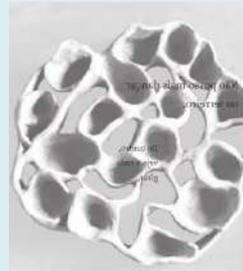
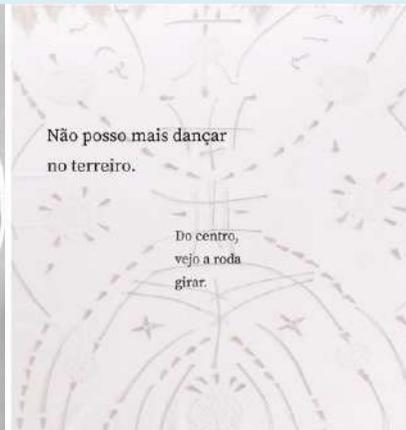
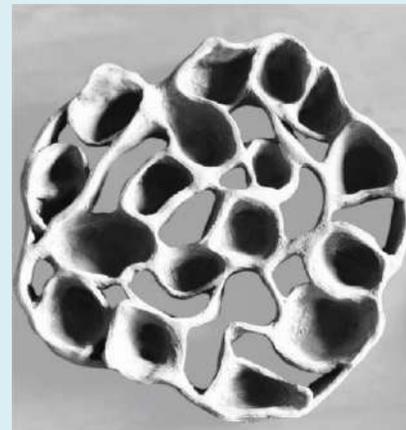
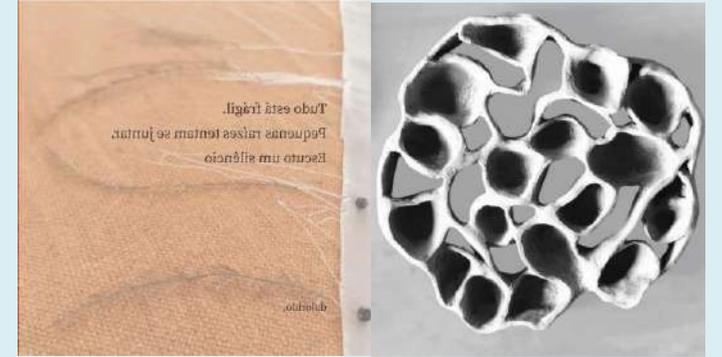
Livro-travessia





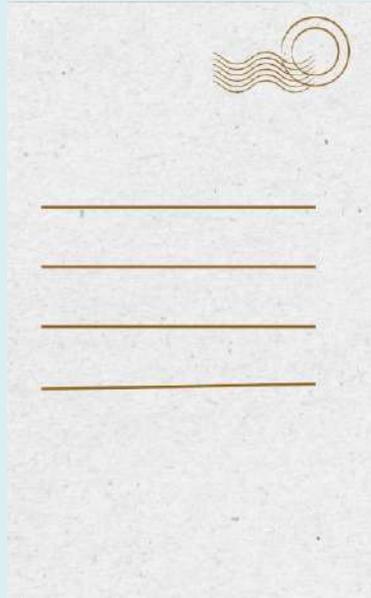


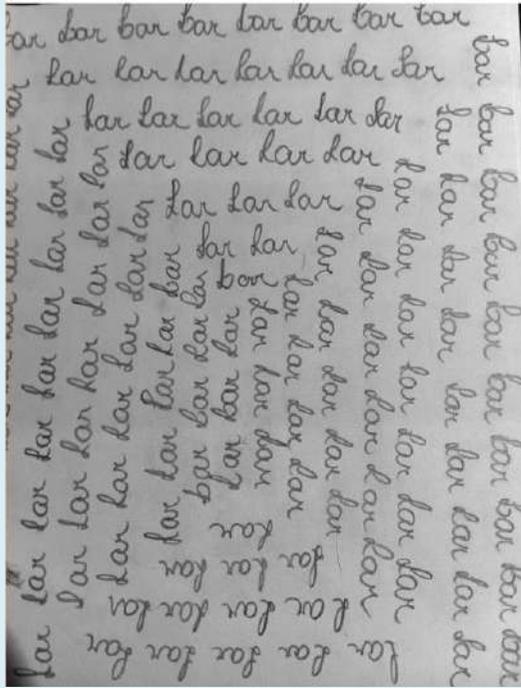
Livro-semente



Livro-semente

DESDOBRE - SE,
EXPANDA - SE,
REINVENTE - SE:
A VIDA É UM
TECIDO, EM
CONSTANTE
EVOLUÇÃO.





Artistas que semeiam este livro:

Andréa Muller



Rafael da Luz



Alice Rheingartz



Salette Lotterman



Isabel Miranda



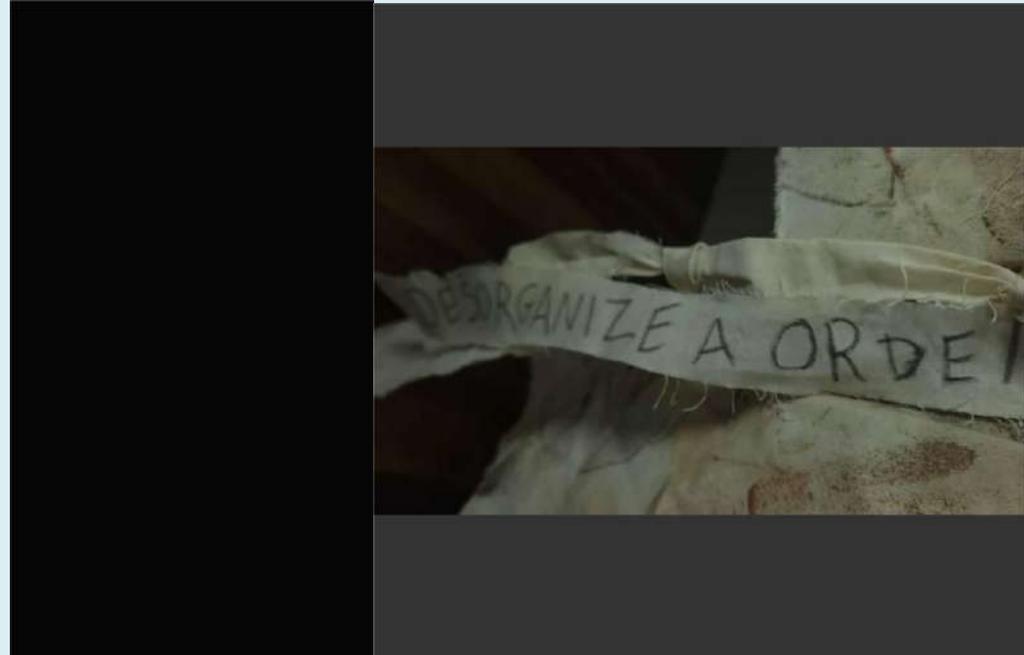
Juliana Araújo

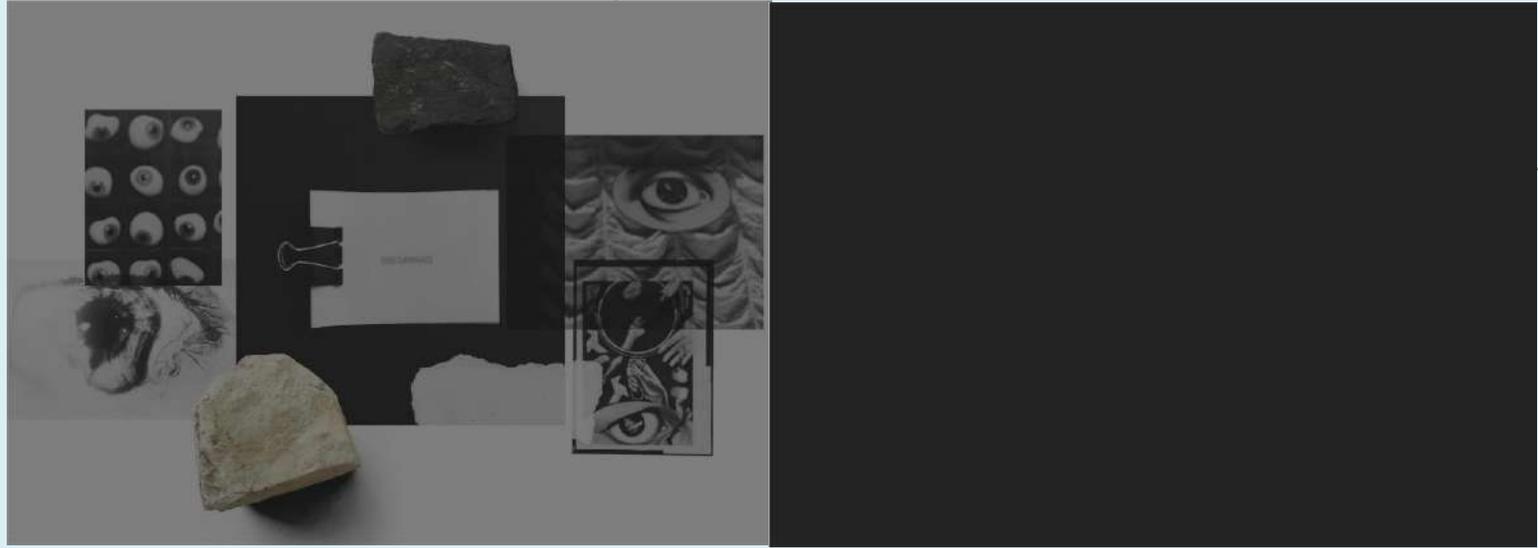


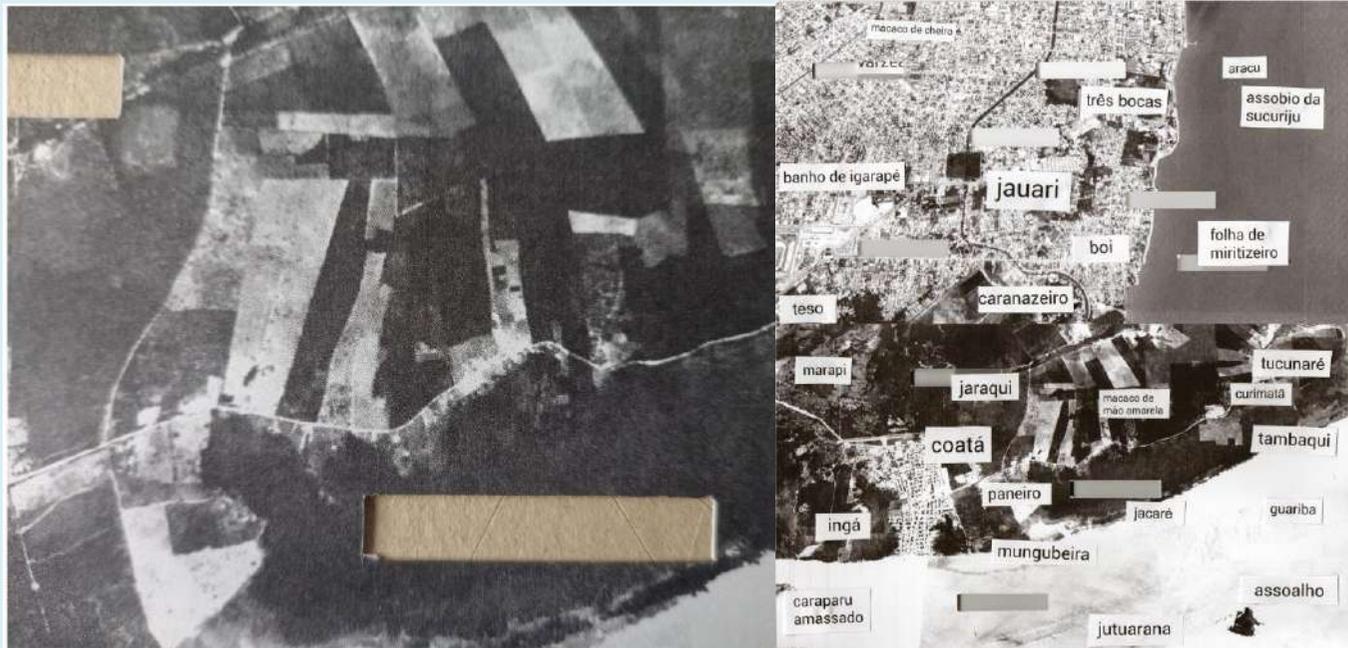
Noberta Doia

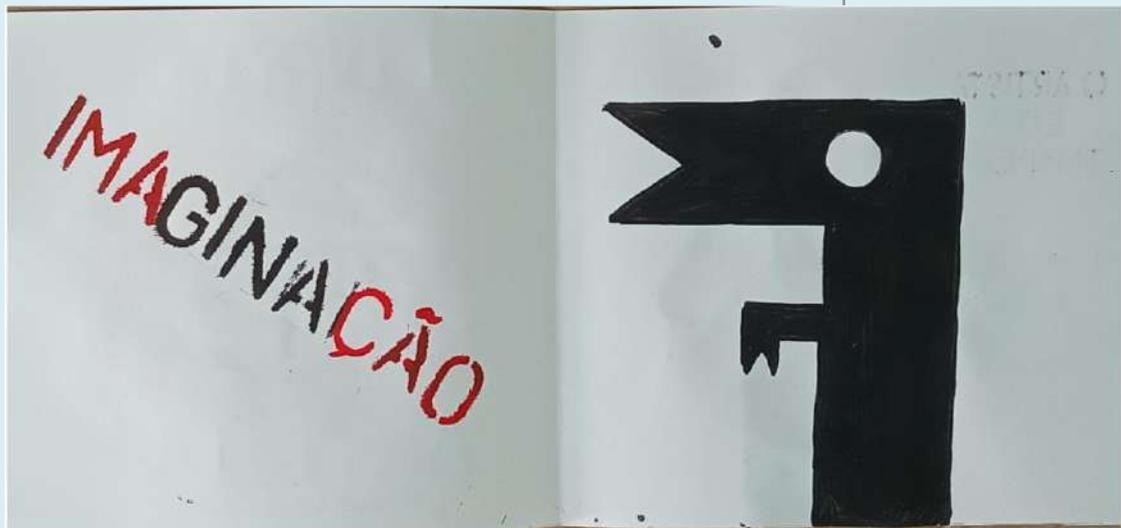
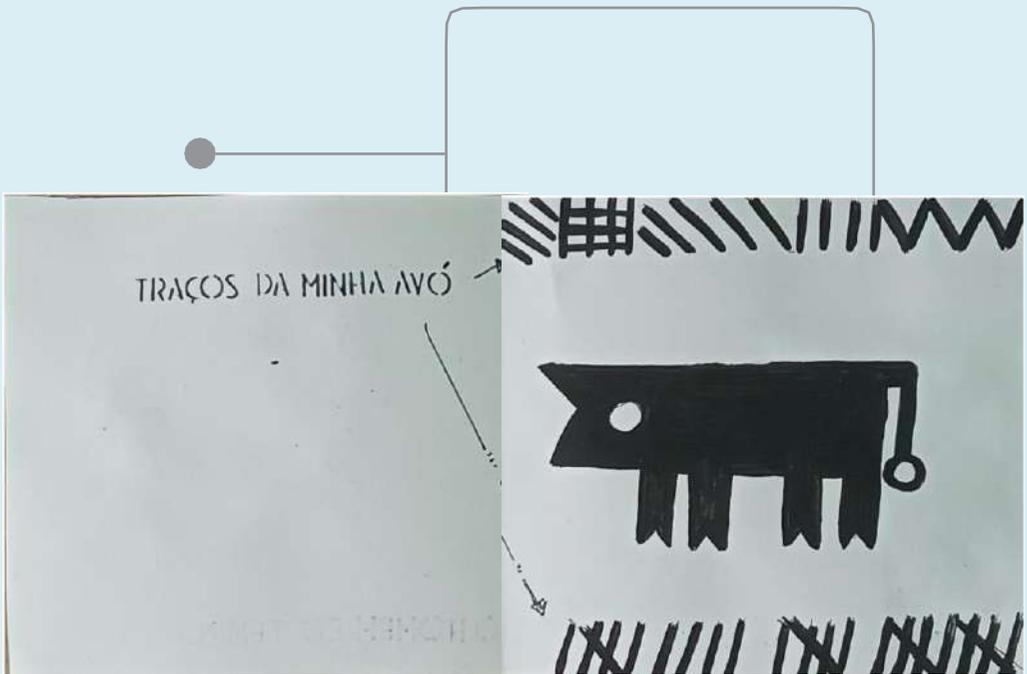


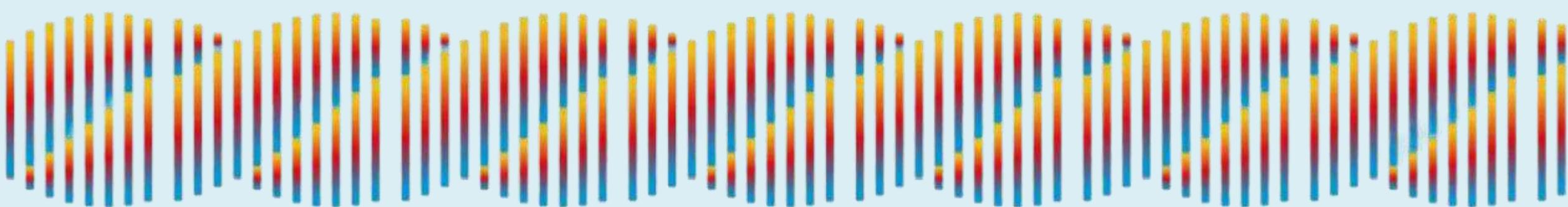
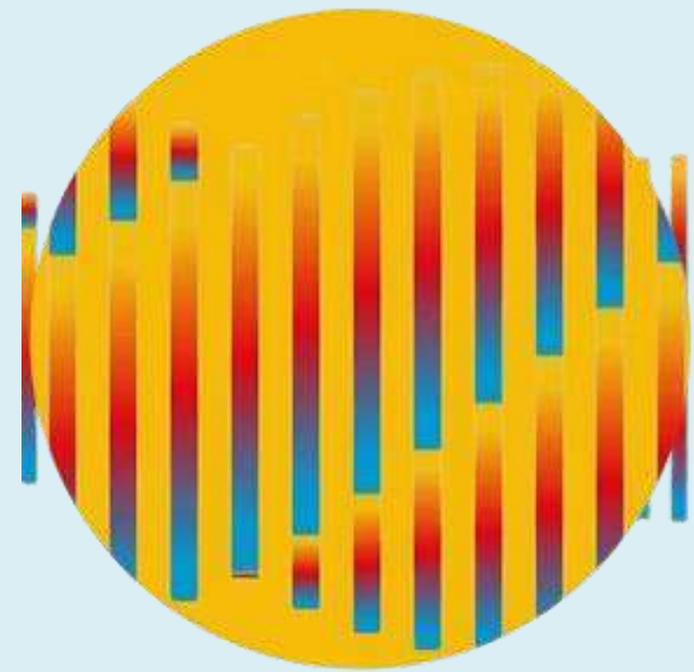
Livro para ver o invisível









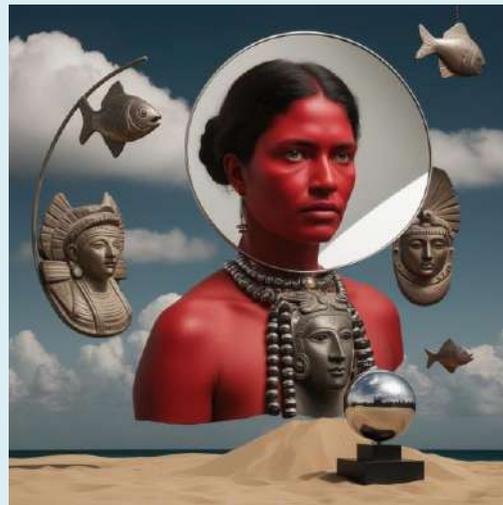


rede

Zaika dos Santos
mentoria e curadoria



Alice Rheingantz



Mariana Figueiredo



Andréa Müller



Herbert Otacilio



Noberta Doia



Isabel Miranda



Rodrigo Novack



Audrian Cassanelli



Paloma Carmelita

REDES INTERROMPIDAS

2024

Alice Rheingfanz

Imagem digital com técnica mista, onde o Leonardo IA fez uma interferência junto com a artista em cima da obra cerâmica REDES INVISÍVEIS com o tema da destruição das nossas florestas.

Na imagem em preto e branco, podemos ver um fundo branco onde as 4 árvores todas em tons cinzas e pretos aparecem formando um círculo e todas estão com suas raízes saindo da terra com aparência de mortas, suas copas estão despedaçadas e muitos pedaços no solo. No fundo aparece o fungo, conhecido como micélio, que faz as conexões entre todas as árvores, caído. A obra representa o resultado do desmatamento, a interrupção de toda a vida na floresta.

Anairam

2024

Mariana Figueiredo

Técnica: arte generativa

Descrição: A imagem fotográfica apresenta uma forma semelhante ao quadrado, com proporções equilibradas entre largura e comprimento.

Fazendo uma leitura horizontal da imagem, podemos perceber em primeiro plano um ambiente de paisagem de areia ao fundo na linha do horizonte temos o azul escuro do mar. Na frente no canto direito da imagem vemos uma escultura de uma esfera espelhada, ela está sob um suporte geométrico e parece grande em relação aos demais elementos no mesmo plano.

Atrás da esfera se forma o plano mediano da imagem, na porção central deste

Fugaz - 10 segundos

Texto áudio descrição

2024

Andréa Müller

Oi Meu nome é Andréa Müller. Sou a artista que produziu o vídeo performance que será descrito para você.

A obra se chama Fugaz e tem 10 segundos.

Um ambiente externo. Uma manhã muito iluminada.

A imagem tem em segundo plano, uma mata densa. Ela está levemente desfocada.

No primeiro plano vê-se a minha mão esquerda, com a palma voltada para cima.

Minha pele é parda. A luz que ilumina o ambiente deixa o tom da minha pele mais claro do que é normalmente.

A minha mão segura uma folha seca, com formato côncavo.

A cor da folha é mais escura que o tom da minha.

Dentro da folha seca, existem muitas sementes aladas.

São sementes de cedro rosa. Elas são mais claras que a cor da folha seca e o tom da minha pele.

O formato das sementes é oval e achatado. Sua textura é fina e delicadíssima.

Numa das extremidades da semente, vê-se seu núcleo, num tom mais escuro e arredondado.

A partir do núcleo, a textura da semente vai se transformando numa película muito fina.

É uma manhã calma e tranquila.

Ao fundo, um vento leve sopra as sementes em movimento coreográfico.

Em câmera lenta, as sementes vão se transformando numa imagem que nos lembra as asas de um pássaro alçando voo.

Quando a imagem se completa, a iluminação do vídeo começa a cair, até escurecer e finalizar a ação, que se encerra junto com o som do vento.

Fios da Lembrança

Artista: Herbert Otacilio

Indústria 6.0

Técnica: Geração de Imagem com inteligência artificial

2004

Noberta Doia

Sinopse: A obra “indústria 6.0” aborda um futuro distópico após a criação da inteligência artificial, onde a IA passa a ser o ser humano geneticamente modificado para ser perfeito.. Retratando assim um mundo onde as desigualdades sociais são cada vez maiores, pois a sociedade resolveu criar métodos para criar óvulos artificiais, gerando humanos de forma artificial com alterações genéticas para extinguir as deficiências, com isso os governos começaram a retirar direitos básicos dos que nasceram com deficiência.

Processo Criativo:

O Óvulo: O óvulo representa a fase inicial da vida humana, onde as células vão se modificando e gerando um novo ser.

A Máquina: Representa a humanidade mais fria, artificial, controlada e manipulada por uma indústria que vê o valor da humanidade através da sua produtividade e perfeição.

A Desigualdade: A obra busca mostrar a desigualdade gerada pela criação de humanos em

um processo artificial, onde estas pessoas geradas por este processo mecanizado são todas como perfeitas e possuem privilégios, quem nasceu de forma natural com deficiência ou adquiriu, são marginalizados e privados de direitos básicos.

Material: esboços de geração de imagens com IA, de óvulos, microscópio, genética, laboratório, etc.

Processo técnico: Começo com a geração de um texto sobre a indústria 5.0 com a criação da inteligência artificial, a partir disso projeto ideias sobre o futuro dentro da indústria 6.0 a partir da inteligência artificial e de pesquisas nas redes sociais sobre busca de cura de algumas deficiências e o quanto essas pesquisas arrecadam milhões, enquanto as pessoas com deficiência nas redes sociais abordam que ainda lutam pela acessibilidade e direitos básicos. A partir deste texto, vou gerando imagens sobre óvulos, modificados geneticamente, laboratórios, óvulo visto a partir de um microscópio, humanos modificados geneticamente, etc.

Após este processo, vou tentando alternativas, unindo esses prompts, e pesquisando inteligências artificiais generativas, usando Meta Ai, Leonardo Aí, Sea art, vou tentando criar alternativas diversas para refinar o prompt até chegar na imagem desejada.

Público-alvo:

A obra é destinada ao público geral, com foco especial em pessoas que vivenciam alguma deficiência.

Organicidade

Sinopse:

Caminho em movimentos de dança. Em cada movimento acumulo camadas.

Membros em um corpo só.

Em caráter orgânico danço para conectar ecossistemas em trocas, relações e retroalimentações. Atuar. Efeito redes, a qual se pertence. E, naturalmente, as relações nos mantém ligados. Somos uns e outros. O elo se materializa e se contextualiza em organismos vivos, no natural orgânico e no digital.

Ficha técnica

Título: Organicidade

Técnica: Colagem digital

Autoria: Isabel Miranda

Ano: 2024

Sistemas quadrados sonham círculos

Em uma sala ampla e branca, vemos dois tipos de formas geométricas, quadrados e bolas em quantidade semelhante e que podem chegar a 24 unidades destas formas, de diferentes tamanhos. Ligando esses elementos, vemos tubos finos e de cor branca.

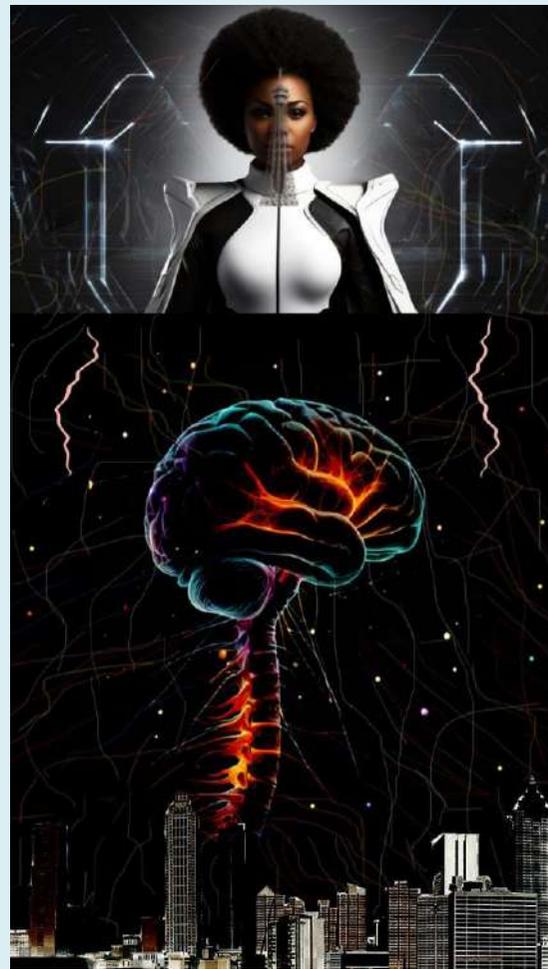
No centro da tela, um grande quadrado se destaca se elevando do chão. É dele que partem os tubos que se distribuem para as demais formas.

A impressão da imagem denota um higienismo devido às cores beges e frias, mas representa um sistema organizado com os elementos distribuídos com algum nível de organização, mas denotando algum caos na posição dos elementos.

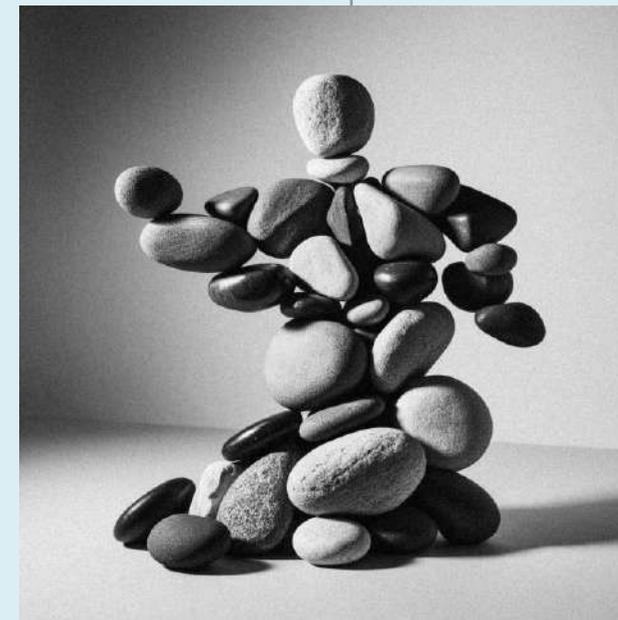
Artista: 3olhos (Rodrigo Novack), em co-criação com a ferramenta de inteligência artificial Midjourney.



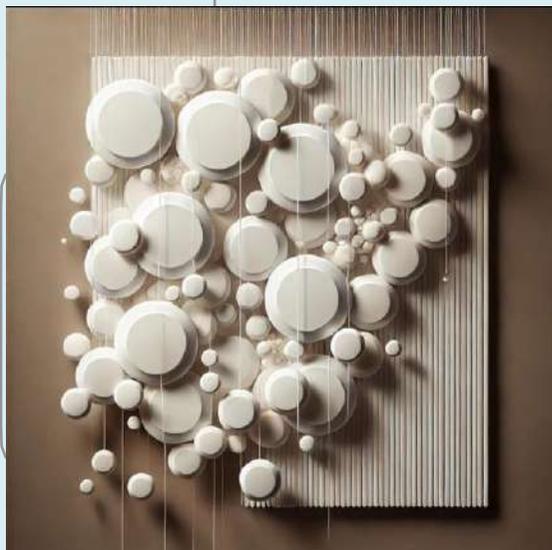
Luciana Rosário



Patrícia Costa



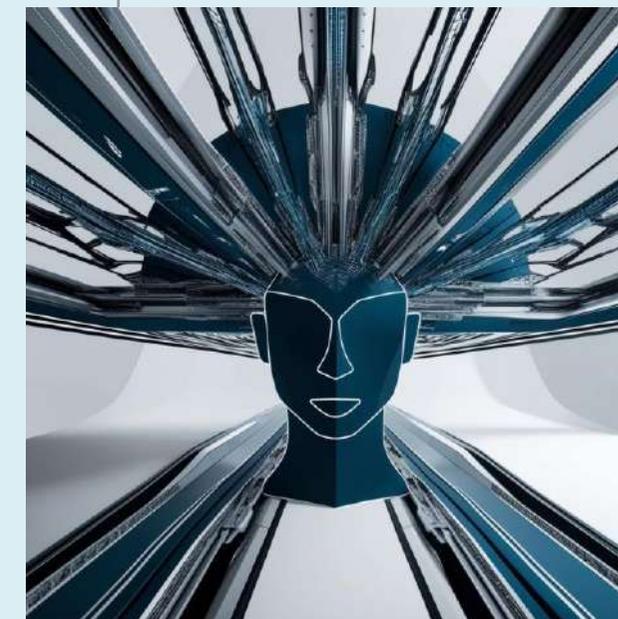
Olhoteu



Lívia Passos



Salete Lottermann



Romário Batista

Flora Futura

Descrição

Imagem quadrada com fundo cinza em degradê com a parte superior mais escura, e clareando até a parte inferior. Em primeiro plano uma flor de orquídea branca centralizada, a esta flor estão ligados diferentes cabos, fios e estruturas a fim de criar uma planta ciborgue. de alguns cabos nascem brotos de folhas.

Dados:

Audrian Cassanelli | Flora Futura | 2048 x 2048 | 1,19 MB | 2024

A arte resiste

Autora: Livia Passos

Arte digital

Na imagem aparece um pedaço de madeira com textura lineares, na posição vertical, tampas de medicações brancas, tamanhos variados, pressas com linhas de nylon formam uma composição abstrata com movimento dos círculos das tampas e o contraste do quadrado fixo da madeira.

Xilema

Imagem gerada via DALL_E

Nome da artista: Paloma Carmelita

O trabalho realizado por meio da geração de imagens com inteligência artificial representa um tipo de experimento que dialoga com os elementos do meu trabalho plástico, desenvolvido principalmente por meio do bordado. Ao bordar, traço linhas retas ou curvas, crio caminhos extensos, desfaço e refaço, num movimento incessante. Esse processo me remete à minha experiência doméstica no cuidado com plantas, tanto comestíveis quanto ornamentais, cultivadas no quintal. Observo nelas um ciclo contínuo, ora favorável a certos frutos, ora a outros, mas sempre em transformação.

Inspirada por esse ciclo que nutre e renova, percebo como ele reflete no movimento da vida e na forma como me insiro no campo da pesquisa artística, e em como ele me afeta. Esse vínculo entre o bordado, a natureza e a investigação criativa me conduzem a pensar sobre as conexões entre processos manuais, ciclos naturais e a experiência integral da vida.

Nutrindo esse chão que suporta imensas raízes, é possível se estar comunicado através de um lugar fértil e de potência para que os processos internos sejam inteiros e frutíferos, representando exuberância interior. Assim cresce e vive um pé de pimenta dedo de moça que foi plantado há alguns meses.

A imagem retrata uma figura feminina cujas raízes profundas a fixam ao chão, conectando-a a outras raízes em uma rede orgânica de comunhão. Em sua mão, destaca-se o fio vermelho da vida, que se estende como uma metáfora vibrante de conexão e continuidade, dialogando com a essência de sua substância. Todo o cenário é permeado por uma repetição de formas compostas por raízes, que, embora estáticas em sua materialidade, sugerem um movimento constante, uma pulsação viva e interconectada.

A execução desse trabalho ocorreu por meio de utilização da ferramenta “CHATGPT”, onde consegui de alguma forma representar o que buscava.

Descrição

Quatro figuras humanas estão dispostas em um espaço de fundo cinza. Duas delas, com tonalidades que lembram troncos descascados de cor bege, têm corpos formados por raízes entrelaçadas. No centro, destaca-se uma figura cujo corpo vermelho é moldado por raízes que emergem do chão, criando uma conexão visual e simbólica com a terra. Essa figura segura delicadamente um fio vermelho que se estende até a mão de uma mulher ajoelhada à sua frente. A mulher está de cócoras, e de seus pés brotam raízes e musgo, fundindo-se ao ambiente e evocando uma interação profunda entre corpo, natureza e ancestralidade.

Cérebro Central

Patrícia Costa

2024

Arte Digital 1080 x 1920 px

Mulher - Negra

Mulher dona de casa, do lar, progenitora, não inteligente, não capaz.

Negra = escrava sexual e objeto, empregada, cargos simplórios.

Realidade: Empoderamento, cargos altos e inteligência hiper comprovada.

Mulher negra Futura líder da IA, cérebro que controla o planeta.

A ideia da obra é quebrar os paradigmas da não capacidade da mulher, dos estereótipos de não inteligência e toda submissão, opressão e todos os absurdos imputados as mulheres ao longo da história. Fazendo o contraste da REALIDADE, que a mulher não só é capaz, como será a líder da nação, a líder da IA. Um paradigma com a série West Word

Do branco ao vermelho, uma história interrompida
Artista Salete Lottermann

Imagem horizontal.

São 9 vestidos pendurados em cabides, de frente, alinhados lado a lado.

Da esquerda pra direita, os 5 primeiros vestidos são brancos.

O sexto vestido é vermelho.

Os 3 últimos vestidos são brancos com pequenas manchas vermelhas.

O fundo da imagem é preto. Atrás do primeiro, do quinto e do sexto vestido tem uma mancha vertical branca, sugerindo ser mais vestidos brancos.

Totem

Denise Marinho

Uma grande garrafa redonda tampada com uma rolha contendo dois mundos: um moderno futurista contendo automóveis que voam, prédios grandes e com alta tecnologia pessoas caminham nas calçadas. O outro mundo contém uma região onde só há miséria, pessoas famintas e tristes.

CONEXÃO ANCESTRAL

Mentoria: Zaika Santos

Técnica: Leonardo Phoenix/Leonardo AI

Artista: Luciana Rosário

Sinopse da obra:

Uma obra de arte digital vibrante e futurista representando uma rede neural representada por filamentos de DNA, afro futurista, pulsando com um suave, luz azul etérea, com toques de roxo, dourado e verde, apresentando a junção da sabedoria antiga e da tecnologia moderna.

Esse tipo de integração faz o espectador refletir sobre os seguintes benefícios:

Valorização Cultural: A incorporação de elementos tradicionais em um formato digital permite a preservação e disseminação de sabedorias antigas, tornando-as acessíveis às novas gerações e ampliando sua relevância em um contexto contemporâneo.

Inovação Criativa: A junção de tecnologia moderna com referências históricas e culturais pode inspirar novas formas de expressão artística e criativa, gerando novas perspectivas sobre o uso de tecnologias emergentes.

Aprofundamento do Conhecimento: O uso da tecnologia digital para explorar práticas e filosofias antigas pode proporcionar uma maior compreensão sobre o mundo, ao integrar diferentes formas de saber, como a ciência e as tradições espirituais ou filosóficas.

Conexão Global e Inclusividade: A digitalização da sabedoria tradicional permite que ela seja compartilhada globalmente, promovendo uma conexão intercultural e valorizando diversas heranças culturais, ao mesmo tempo em que é acessível em qualquer lugar e a qualquer momento.

Sustentabilidade do Conhecimento: O uso de tecnologias digitais, como redes neurais e inteligência artificial, para preservar e expandir o entendimento de práticas antigas contribui para a criação de sistemas de conhecimento mais resilientes e duradouros, ao mesmo tempo em que facilita a adaptação dessas práticas aos desafios modernos.

Reflexão e Consciência Social: A obra de arte digital também pode provocar uma reflexão sobre o impacto da tecnologia na sociedade, ao mesmo tempo em que destaca a importância de resgatar e aplicar sabedorias antigas para enfrentar problemas contemporâneos, como a sustentabilidade, a ética e o bem-estar coletivo.

Assim, a fusão do passado com o mundo digital não só enriquece as práticas culturais e artísticas, mas também promove um futuro mais consciente, inovador e equilibrado, onde a tradição e a tecnologia coexistem de forma simbiótica.

Luciana Rosário

Fisioterapeuta - 2004-2008 - Autônoma; Gestora Administrativa - 2009-atual - UNICAMP; Pós-Graduada em Epidemiologia - FCM-UNICAMP;

Co-Criadora da obra "DNA PRETO" exposta da 3a BIENAL BLACK no Rio de Janeiro e na Mostra de Arte de Brasileiros em Socorro;

Escritora e promotora da Oficina de Escrita Criativa ocorrida na mesma Bienal supra mencionada;

Voluntária no "Projeto Mudando a Minha História" - <https://mudandominhahistoria.org/>.



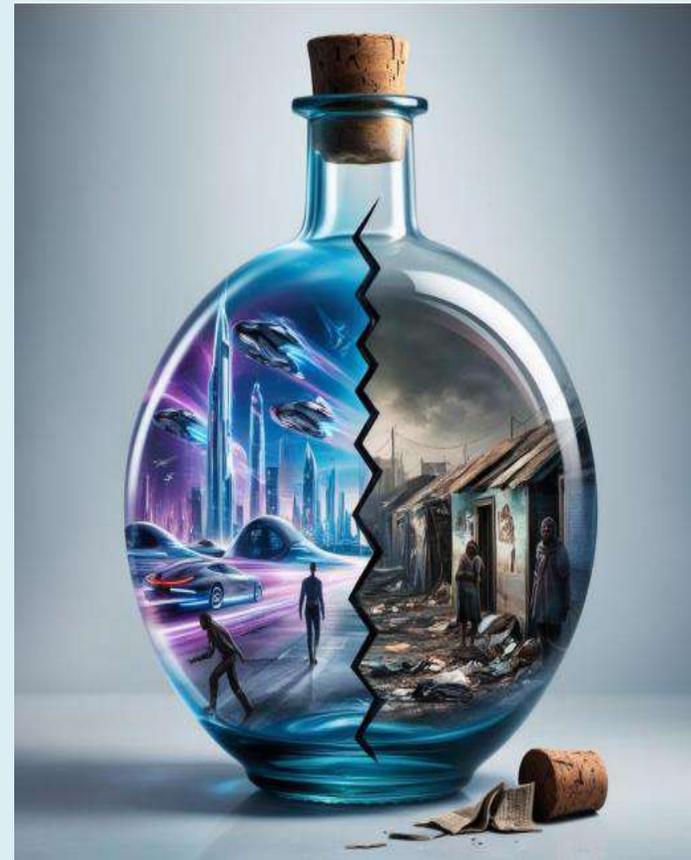
Juliana Araújo



Maria Dulciney da Silva



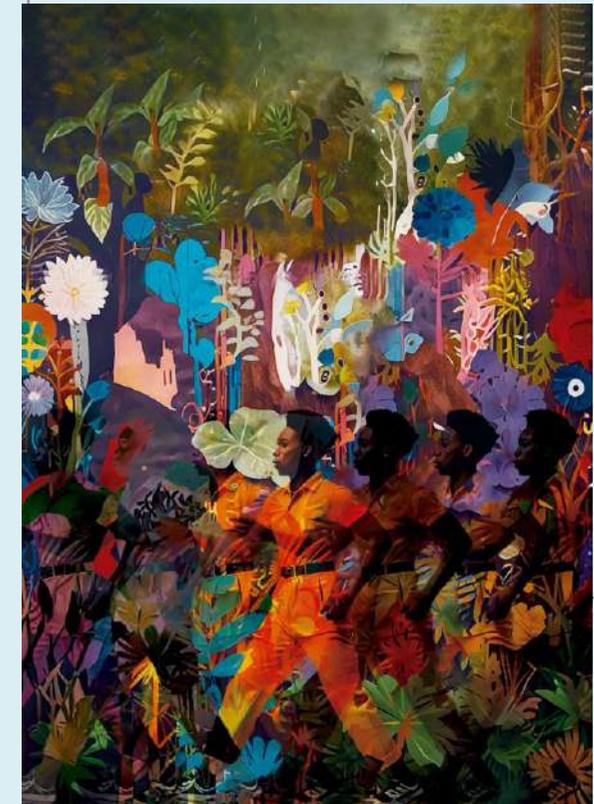
Rafael da Luz



Denise Marinho



Netto Vrt



Laryssa Monteiro

empilhar pedras mão máquina

Artista: olhoteu

Uma escultura formada por pedras de tamanhos e formas variadas, empilhadas de maneira a formar a silhueta de um corpo humano de forma abstrata. A figura parece estar em movimento, com um braço para cima e para frente e o outro para trás e para baixo. As demais pedras formam uma base a partir do quadril. A imagem é em preto e branco, com um fundo neutro e bem iluminado, destacando as texturas das pedras e projetando uma leve sombra no chão do ambiente.

Uma escultura formada por pedras de tamanhos e formas variadas, empilhadas de maneira a formar a silhueta de um corpo humano de forma abstrata. A figura parece estar em movimento, com um braço para cima e para frente e o outro para trás e para baixo. As demais pedras formam uma base a partir do quadril. A imagem é em preto e branco, com um fundo neutro e bem iluminado, destacando as texturas das pedras e projetando uma leve sombra no chão do ambiente.

Ernesto Valdez (Netto Vrt)

Descrição da Imagem

5 pirâmides cercam uma pirâmide maior que se destaca no centro da imagem, o cenário é formado por chaminés que são ofuscadas pelo magenta que compõem o cenário , junto com a cor azul que se destaca como uma linha que conecta as pirâmides e se expande no topo da da pirâmide maior

Conexões

A imagem contém vários cogumelos alaranjados gigantes em diversos tamanhos como uma grande floresta interligadas por conexões de redes neurais interligadas entre si de cor alaranjada, com pequenos humanos vestidos de macacão cinza com preto .

Juliana Araújo

Ceramista e escritora

Para Residência artística para a Bienal Black 2024

Ancestralidade (ai)

Mentoria : Zaika Santos

Autoria: Du.S (Maria Dulciney de Silva)

Eixo: Rede

Descrição:

A imagem é de um corpo feminino, lateralmente posicionado, é possível ver a mão (E) esquerda que desce na lateral do corpo, se apoiando na virilha. A exposição do corpo é de pouco acima do umbigo até logo abaixo do púbis.

De 2 a 3 cm abaixo do umbigo até o púbis, incluindo a mão (E), o corpo é vestido por sinais cibernéticos esverdeados. No centro do corpo, sobre o púbis tem a imagem de um útero, contendo na parte mais larga superior duas mulheres negras de pele escura, vestidas de branco unidas pela cintura na transversal. Sobre elas, também na transversal, com roupas contemporâneas, outros corpos negros, aparecem até o púbis.

Rede geométrica de sistemas de transporte

Crie uma imagem abstrata apresentando uma rede geométrica de sistemas de transporte que emana de um formato de cabeça estilizado e minimalista no centro, com padrões e formas intrincados em uma paleta de azuis profundos e prateados, evocando uma sensação de modernidade e futurismo, contra um branco limpo ou fundo cinza claro que oferece alto contraste, com linhas pretas em negrito e efeitos de gradiente sutis adicionando profundidade e dimensionalidade ao design geral, e sem figuras humanas discerníveis ou representações realistas, concentrando-se na interseção de tecnologia e formas abstratas.

Artista : Romário Batista

resolução 1024x1024px criado em 25/11/24 às 20h58 modo. rápido co-criação com a ferramenta de inteligência artificial leonardo.ai modelo básico

"Resultados da Residência Artística Virtual Compartilhada Black Brasil Art"2024

Porvir

Laryssa Monteiro

Colagem Digital

42 x 59,4 cm

2024

Desdobramento da Residência Artística Virtual Compartilhada, com apoio de Black Brazil Art

Porvir sonda o cruzamento das noções de passado, presente e futuro, criando uma narrativa visual a partir da caminhada contínua do personagem. O pano de fundo dessa caminhada, criado a partir de imagens com cores vibrantes e plantas, reforça a potência do caminhar por esse chão, suas brechas e invenções possíveis.

Descrição de acessibilidade:

A obra é uma colagem de várias imagens diferentes. Ao fundo, tem-se imagens de plantas, flores e formas que remetem a aves, em tons vibrantes de azul, amarelo, laranja, vermelho e roxo. Na parte de cima do fundo há uma concentração de verde, que lembra vegetação. Na frente e abaixo, a imagem de um jovem negro, vestido de amarelo e posicionado como se estivesse fazendo uma caminhada, se repete. A repetição se dá da direita para a esquerda na imagem e há um jogo de transparências que permite ver o fundo misturado à imagem do jovem. Mais à direita, a transparência está em tom escuro, e vai clareando um pouco à medida que se aproxima do centro, fazendo com que se veja mais o jovem e menos o fundo. Do centro para a esquerda a imagem do jovem vai clareando e quase desaparecendo, ficando mais evidentes os contornos de seu corpo, como se fossem um resquício de movimento após sua passagem.

Uma África que a colonização não me permitia sonhar

“Uma África que a colonização não me permitia sonhar” é uma possibilidade de construir outros futuros numa perspectiva afrofuturista criado por IA. Esse processo foi inspirado por Ytasha L. Womack que disse em seu livro “Afrofuturismo: o mundo da ficção científica preta e cultura da fantasia” (2024) que “o futuro é preto” denunciando a falta de representação da população negra no futuro da cultura pop e na história da ciência. Neste sentido, negligenciar ou tentar apagar as diversas invenções e produções artística e científicas que pessoas negras produziram e estabelecer um entrecruzamento históricos e epistêmicos que recomponha os saberes ancestrais e reavive a arte, a cultura, ou melhor dizendo, a ausência de futuro possível onde o negro seja visto e fale por si mesmo impede que o sonho seja imaginado para além da prisão colonial hiper representando por um mundo branco. Acerca desse processo, as IAs por meio de prompts afroreferenciados podem resgatar uma África que a colonização não quis que sonhássemos no afã de produzir representações positivas que retomem a cibercultura, o entendimento sobre tecnologia, os pensamentos organizados sobre ficção científica, ciência de uma relação de supremacia branca que tenta dominar constantemente nosso imaginário e também sonhos, mas uma perspectiva de futuro negro ancestral auxilia a romper com um imaginário racista que é projetado no universo virtual da internet. Imaginação, imagem e escrita fazem parte de um resgate histórico da diáspora no universo cibernético e futurista.

Ficha técnica:

Nome da obra: “Uma África que a colonização não me permitia sonhar”.

Artista: Rafael da Luz

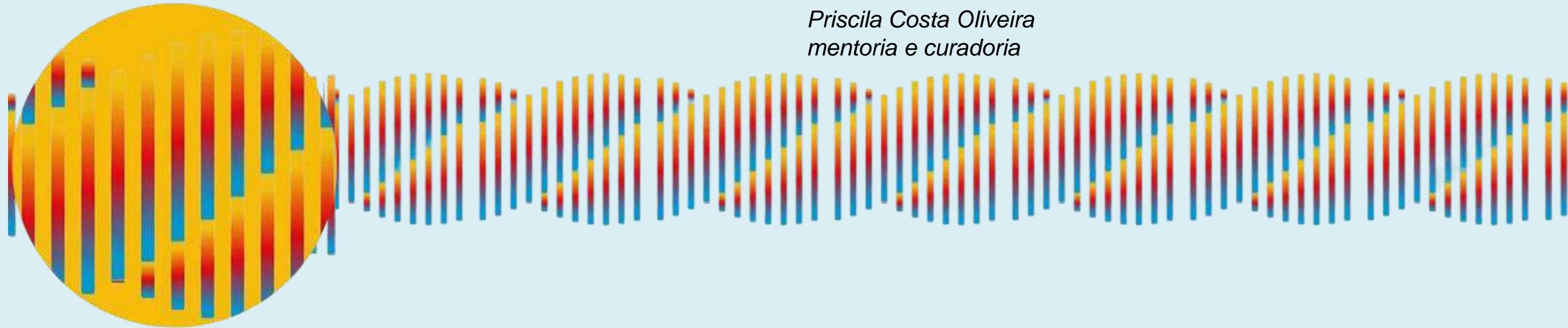
Técnica e materiais: Imagem gerada por IA.

Dimensões: 1376 x 768 96 dpi

Ano de produção: 2024.

comunidade

Priscila Costa Oliveira
mentoria e curadoria





- Audrian cassanelli
- Dhyogo Oliveira
- Alice Rheigantz
- Andréa Müller
- Denise Marinho
- Wélisson Souza
- Herbert Otácilio
- Mariana Figueiredo
- Noberta Doia
- Du.S - Maria
- Dulciney da Silva
- Luana Rocha
- Laryssa Monteiro
- Andréa Müller

- Rafael da Luz
- Romário Batista
- Ernesto Valdez - Netto Vrt
- Patrícia Costa
- Rodrigo Novack
- Wélisson Souza
- Salete Lottermann
- Luciana Rosário
- Paloma Carmelita
- Olhoteu
- Isabel Miranda
- Angela Xavier Freitas
- Isabella Haru
- Juliana Araújo



A Residência Artística Virtual Compartilhada (RAVC) promovida pela Black Brazil Art em 2024 investigou o tema "As 5 Peles de Hundertwasser" com o objetivo de decolonizar essas peles por meio da arte. O eixo "5ª Pele: A Terra, a Pele Mundo" incorporou dimensões ecológicas e comunitárias, propondo reflexões e práticas que conectam corpo, território e relações coletivas.

Os encontros abordaram questões fundamentais para a arte contemporânea, investigando como a prática artística dialoga com ecologias, comunidades e narrativas pessoais. A reflexão sobre a 5ª Pele destacou a interdependência entre seres vivos e ambiente, com influências de Tania Bruguera, Grant Kester, Jorge Menna Barreto e Sallisa Rosa. Durante seis encontros, leituras, apresentações artísticas e reflexões coletivas, os participantes foram incentivados a investigar suas relações com o meio ambiente e suas comunidades.

Os residentes participaram de exercícios que incluíram a observação

e documentação do cotidiano, reflexões sobre corpo e ambiente, e criações baseadas em memórias ou conexões comunitárias. Esses processos resultaram em produções diversas, como performances, áudios, textos, fotografias, vídeos e cartografias sonoro-visuais. As obras apresentam abordagens que conectaram práticas locais a narrativas globais, destacando memórias comunitárias, sustentabilidade e resistência através da arte.

As produções refletem o compromisso do grupo com uma prática artística coletiva e sensível às relações ecológicas e comunitárias, promovendo o bem-viver e imaginando futuros mais justos e sustentáveis.

Audrian Cassanelli

Sinopse:

Ruído Pós-Floresta é um trabalho em desenvolvimento que explora as tensões e resiliências das plantas daninhas no ambiente urbano. Derivado da série fotográfica Quebra Pedra – composta por mais de 400 mobgrafias que documentam essas plantas brotando do concreto –, este projeto propõe um desdobramento sensorial: a dimensão sonora das existências marginais.

Até o momento, o trabalho reúne oito áudios de um minuto, captados em áreas urbanas próximas aos locais onde os quebra-pedras emergem. Esses registros sonoros buscam traduzir o ambiente imediato dessas plantas: os ruídos urbanos que envolvem suas frágeis, mas insistentes, presenças.

O trabalho reflete sobre a luta pela sobrevivência em um contexto adverso, onde as plantas rompem as barreiras impostas pela urbanização. Os áudios, curtos e quase efêmeros, espelham a condição das ervas daninhas, sugerindo uma narrativa não apenas visual, mas também auditiva, de resistência e adaptação.

Ficha Técnica

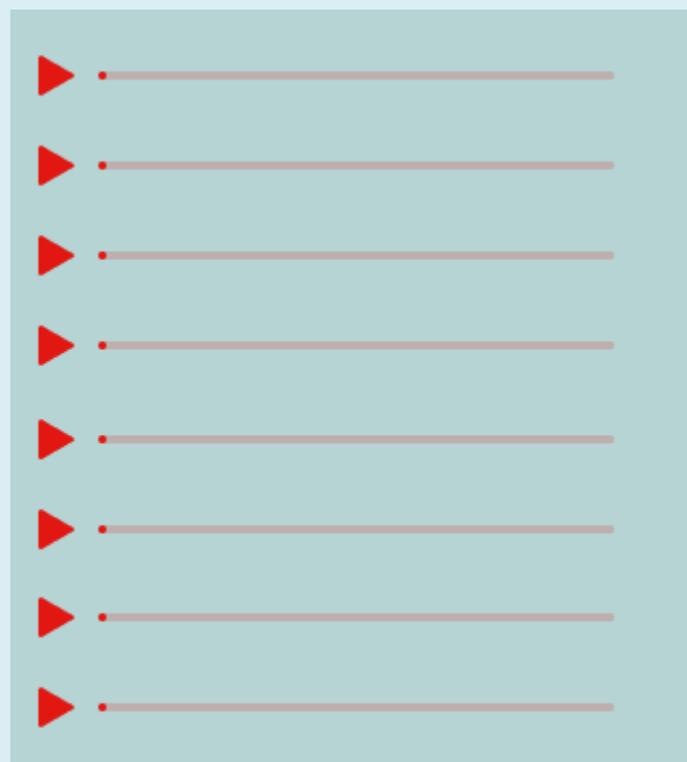
Artista: Audrian Cassanelli

Título: Ruídos pós-floresta

Ano: 2024

Formato: Arte sonora, 8 áudios de 1 minuto (em processo)

Local: Área urbana de Chapecó-SC, Brasil.



Dhyogo Oliveira

O que produz o acaso

Vídeo, 32"

"O que produz o acaso" é um experimento visual que explora a estética do inesperado e a poética do cotidiano. Unindo fragmentos de papéis encontrados nas ruas a áudios reproduzidos de conversas ouvidas aleatoriamente durante caminhadas pela cidade, o trabalho propõe uma reflexão sobre o caos urbano como gerador de significados. Dialogando com o espírito do dadaísmo, a obra questiona o conceito de autoria, a relação entre arte e banalidade, e o papel do acaso na criação artística. Assim, transforma o ordinário em extraordinário, revelando novas narrativas nas camadas do imprevisto.

Ficha Técnica:

O que produz o acaso

Dhyogo Oliveira

Vídeoarte

32 segundos

1080 x 1920 pixels



Alice Rheingantz

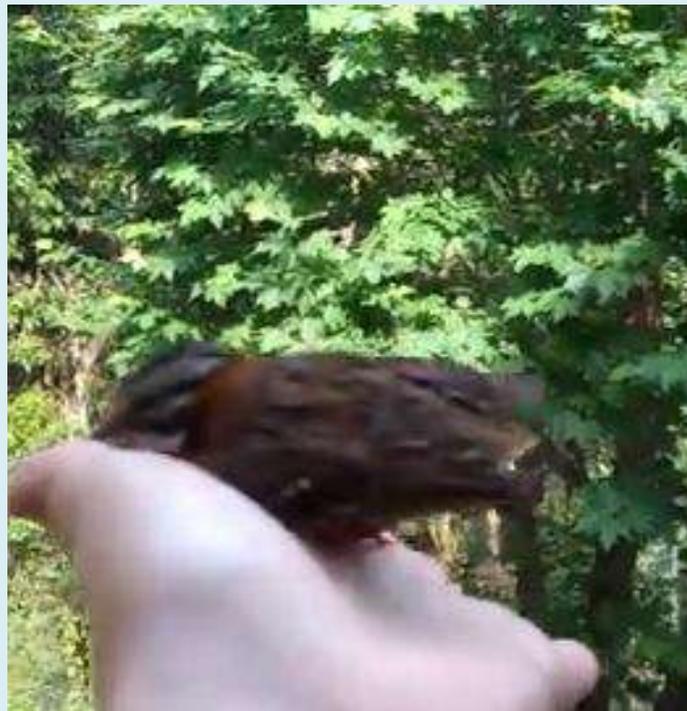
DESLOCAMENTOS

2024

VÍDEO, 35 SEGUNDOS- REALIZADO PARA A RESIDÊNCIA ARTÍSTICA DA BIENAL BLACK.

Essa produção em MP4 tem como objetivo explorar como um ser, aqui representado por minha peça de cerâmica da série "Águas sólidas", estilizada na forma de musgo de árvore, interage com diferentes ambientes e suas influências.

Durante o processo da edição enfrentei um desafio, ao transitar para o ambiente da mata, o som da cidade persiste por alguns segundos. Esse detalhe evocou uma reflexão recorrente: demoramos um tempo para que nossa alma se adapte a um novo ambiente. Esse tempo de adaptação aos deslocamentos é central na obra, o musgo retorna à mata, um ambiente completamente distinto, mas o som urbano insiste por um momento antes de ceder às vozes da floresta. E podemos ampliar para todos os outros sentidos, olfato, tato.. Essa transição ilustra como a experiência do deslocamento é gradual, marcada pela coexistência de tempos e espaços diferentes.



Andréa Müller

Título: Os ninhos que me habitam.

Sinopse:

A obra aborda as relações de afeto entre as pessoas e o meio, a partir da afirmação "Os ninhos que me habitam". É uma vivência poética/sonora/visual, que apresenta histórias que tecem uma trama de afeto, falando sobre migração, ancestralidade, amadurecimento, aprendizados, percepções de mundo, fortalecimento de vínculos, momentos políticos, perdas e ganhos.

O vídeo apresenta a fotografia de uma janela, que revela o amanhecer do dia. Sons, ruídos e conversas são captados para falar de laços de amor.

Ficha técnica

Os ninhos que me habitam

Andréa Müller

Vídeo performance - mp4

15:53 segundos

Primavera/2024

Participantes:

Luiz Cláudio Cerqueira

Camilo Cerqueira

Áurea Neves

Minibio: Andréa Müller é artista visual, arte educadora, atriz performer e produtora cultural. Há 4 anos retoma seu fazer nas artes visuais.



Denise Marinho

ÁGUAS DA MEMÓRIA

SINÓPSE

Este trabalho se iniciou em 2019 e ainda está em curso, as águas da Baía de Guanabara meu lugar de pertencimento, de acolhimento, de memórias afetivas de minha infância. Nasci na Praça XV - Centro do RJ, e meus pais moravam do outro lado da Baía de Guanabara/RJ, em São Gonçalo/RJ, assim as águas da Baía estiverem lá ouvindo meu som da vida se iniciando.

Início este trabalho com a inquietação de uma filha das águas. Respiro seu som e sou parte dos vários rios e vidas que se alimentam e se reproduzem nos seus afluentes, nas áreas de proteção ambiental, preservadas, depois de décadas de exploração dos seus manguezais, que alimentaram as diversas cerâmicas de alguns municípios: Magé, Itaboraí, São Gonçalo, Guapimirim, etc.

Sou parte da população ribeirinha que atravessa todos os dias a Baía e acolho em minhas memórias os tempos de praia até o sol se por. Após vários programas de despoluição da Baía o que

há? Quem ainda resiste? peixes, tem botos, tem gente indo e voltando, tem gente navegando pegando os caranguejos, siris e guaiamuns. Nos vários desafios que atravessam o dia a dia das populações ribeirinhas até onde vai a resiliência de quem vive deste território e sua biodiversidade diante do impacto das variações climáticas. Seguranças hídricas são imprescindíveis para sobrevivência do Bioma e das futuras memórias que serão criadas nestas águas calmas e território de quem nela se abriga.

A baía que é casa de quem vive em seu entorno e tira dela seu viver, aprende a pescar, a catar o siri, o caranguejo do mangue hoje preservado, constroem o que chamam de curral, uma tecnologia de pegar os cardumes, sem rede e sem vara. Uma tecnologia de sustentabilidade que a população pesqueira artesanalmente ainda utiliza. A pesca por curral é um modo artesanal, a armadilha é montada com redes de palha e bambu fixados ao fundo do mar, formando uma espécie de labirinto para os peixes que ficam presos até serem retirados pelos pescadores.

Denise Marinho, Mulher Negra, cis, lésbica, casada, mãe de dois e avó de uma menina. Pesquisadora ativista das questões de gênero e raça na cidade do Rio de Janeiro. Assistente Social, formada pela UERJ e fotografa documental. Especialista em Imagem e Fotografia - UCAM/IESP. Mestre em Educação Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas - FEBF/UERJ. Participo do Grupo de pesquisa - Laboratório de Experimentações Artísticas Criativas sobre Cidades, Saúde e Educação - Coordenado pela Dra. Ana Paula Alves ribeiro (UERJ) e Danielle Ribeiro de Moraes (Fiocruz).

Ficha Técnica:

Título da obra: ÁGUAS DA MEMÓRIA

nome da obra Artista(s): Denise Marinho

Materiais: Fotografias 60x50 cm

Ano de produção: O trabalho se iniciou em 2019.



Wélisson Souza

Fragmentos do Infinito: Reflexões sobre a Percepção e a Efemeridade

A obra apresentada, com suas formas desestruturadas e reflexos que se entrelaçam em espirais, remete à ideia de uma percepção distorcida da realidade, onde o olhar não encontra contornos definidos, mas sim uma fluidez que foge ao entendimento racional.

A imagem, ao ser capturada com um foco suavemente desfocado, sugere um movimento contínuo entre o visível e o invisível, entre o que está ao alcance da percepção e o que escapa à compreensão imediata.

A luz e os reflexos, com seu brilho cintilante, simbolizam a multiplicidade de camadas da experiência humana, como se cada fragmento de luz fosse uma memória, uma emoção ou um pensamento fugaz que, embora presente, se dissolve no tempo e no espaço. A obra, assim, busca mais do que apenas ser

observada; ela convida o espectador a entrar em um estado de contemplação, onde as certezas se desfazem e o caos se mistura à serenidade.

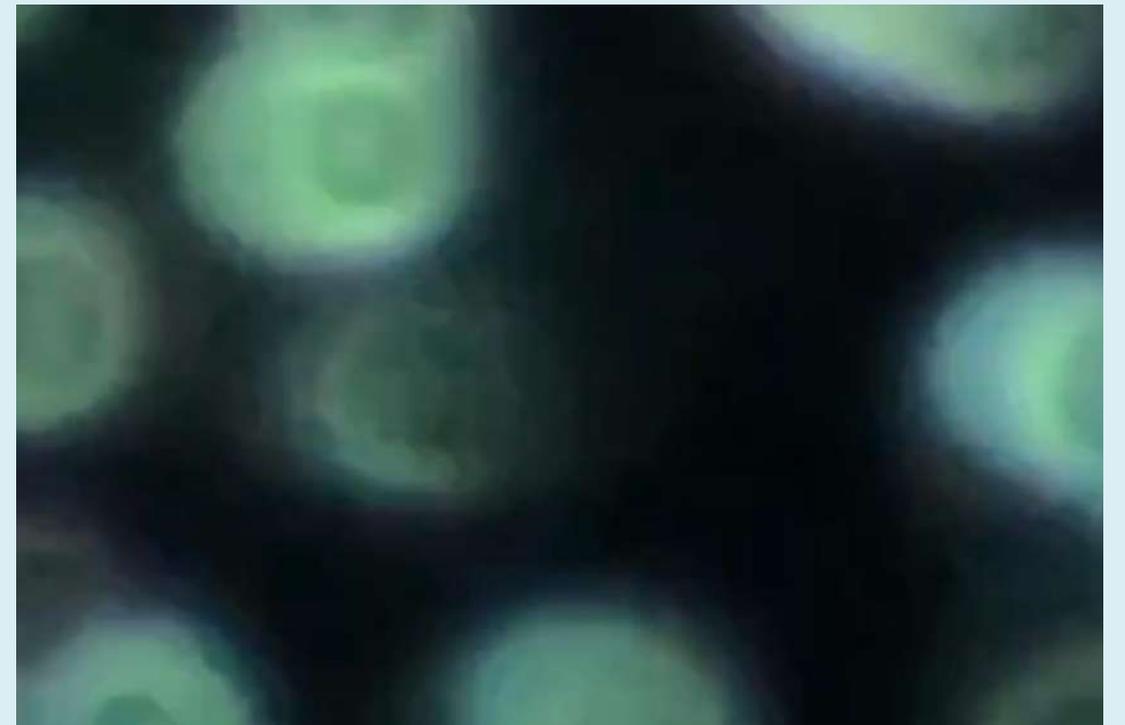
O turbilhão visual evoca a ideia de movimento e transformação, enquanto ao mesmo tempo nos coloca diante do paradoxo da quietude, sugerindo que, no fundo, o que vemos não é tudo o que existe, mas uma parte de um todo maior, em constante mutação. Nesse sentido, a obra pode ser interpretada como uma representação da fluidez da experiência humana, da percepção subjetiva do mundo e da beleza que reside tanto no caos quanto na calma do momento.

Título: Fragmentos do Infinito: Reflexões sobre a Percepção e a Efemeridade

Autor; WÉLISSON SOUZA

Material; CAMERA E APARELHO CELULAR

Ano: 2024



Herbert Otacílio

ESQUEÇO

Sinopse:

Aqui, do outro lado de Kalunga Grande, Na contemporaneidade fruto da diáspora negra, a vídeo performance é um reflexão acerca do esquecimento, partindo da história em que em certo momento da história o colonizador transformou o Baobá, as árvores milenares de África em um símbolo de esquecimento, onde aquele escravizado ao dar voltas em seu tronco esqueceria tudo, se tornando apenas posse, uma ferramenta de trabalho. Sendo assim, ainda hoje cercado e bombardeado de signos, é possível se sentir dando voltas em baobás, mas até quando?

Ficha Técnica:

Esqueço

Herbert Otacilio da Silva

Vídeo Performance editado

1080px x 1920px

2024

Mini Bio:

Herbert Otacilio da Silva, conhecido como HERB, é artista visual com foco na arte sob a ótica do conceito multidimensional do território. Formado no Curso no ProFIS (Programa de Formação Interdisciplinar Superior) e Graduando em Artes Visuais pela Unicamp. É Coordenador geral do Coletivo negro Tinteiro.



Mariana Figueiredo

Esse projeto é fruto das reflexões a cerca das 5 peles, mas também do mergulho profundo nos sentidos e desdobramentos da cor vermelho, enquanto carne, matéria sonora e escultura ambiental.

O vermelho assume a forma do frame de poesia no vídeo-poema a ser exibido em loop e múltiplas telas.

Título: vermelho (2024)

Técnica: vídeo-colagem

Dimensões: 1920X1080 pxl

Formato : 16:9

Foto still do vídeo-poema "vermelho"

Título: vermelho

Técnica: vídeo-colagem

Colorido c/ áudio

Duração: 3min e 13 segundos

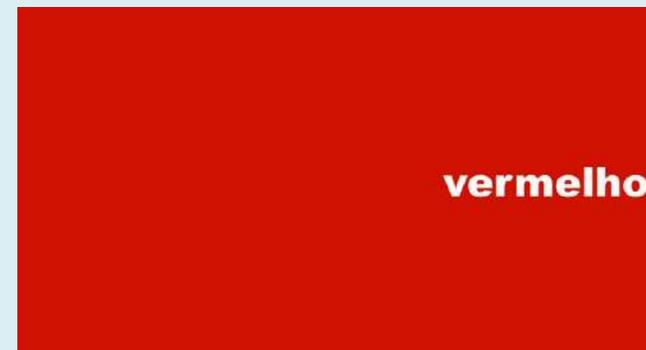
Dimensões: Monitor de 14 pol/ Tablet

Mariana Galli

artista visual

galllimari@gmail.com

@marianagaleli393



Noberta Doia

Hipersensibilidade Sonora

Sinopse:

É um vídeo que demonstra o incômodo causado pelo transtorno de processamento sensorial em autistas, buscando transmitir a vivência de pessoas com hipersensibilidade sonora em um ambiente ruidoso e como isso afeta, gera crise, adocece as pessoas sensíveis a determinados sons. A obra "Hipersensibilidade Sonora", combina a escultura de uma orelha afetada pelos ruídos, com áudio gerado por inteligência artificial, fogos, cão latindo, pessoas conversando e sons de carros e motos, com técnica stop motion.

Ficha Técnica:

Hipersensibilidade Sonora

Noberta Doia

Vídeo Arte

18 segundos / em looping (sem tempo definido)

2024



Du.S Ma Dulciney

METÁFORA

Sinopse

Vídeo feito a partir de áudios e pequenos vídeos feitos em aplicativo móvel, durante o processo de residência. O convite à reflexão vem de forma indireta, pela sensação metafórica despertada pelas imagens e sons. Reflexão sobre momentos da vida de cada um, sob atuação do "acaso" e situações físicas que interferem nas "competências" individuais e comunitárias periféricas e/ou não.

Ficha Técnica

Metáfora

Autora: Du.S

Vídeo Colagem Digital

2024



Mini Bio

Du.S, inicia-se nas artes como atuante no final da década de 80, por 10 anos dedicados aos palcos exclusivamente. No período sabático mundial (COVID) as Artes Plásticas passam a ser espaço de acalanto, cura e redescoberta das artes em minha vida. Impossível não colocar esta residência e suas provocações como um novo marco de desenvolvimento plástico criativo para mim. " ..., fêmea em obras "

Luana Rocha

Tempo do rio

Trata-se de uma paisagem sonora pelo Rio Amazonas de barco, com sons coletados ao descer o rio de barco, a jusante, e nos (des)embarques do percurso. Na Amazônia, os rios são como ruas que permeiam a vida das pessoas, interliga cidade e interior, pessoas e lugares, histórias e tempos. A partir de seus sons, característicos e que também surpreendem, a obra sonora busca evocar o movimento com o tempo do rio.

Ficha Técnica:

Tempo do rio

Luana Rocha de Souza

Arte sonora

2024



Laryssa Monteiro

Se a rua fosse mundo

Laryssa Monteiro

Vídeo-montagem, fotografias e áudios

4min

2024

Desdobramento da Residência Artística
Visual Compartilhada com apoio de
Black Brazil Art

Se a rua fosse mundo é um convite a mergulhar nas histórias e sons de uma rua. Em 4 minutos de vídeo-montagem, fotografias e áudios capturados na vizinhança se entrelaçam compondo uma cartografia sensível do cotidiano. O trabalho convida o público a caminhar ao lado da artista, explorar paisagens e construir suas próprias relações com a comunidade.



Romário Batista

Durante minha residência artística, construí a obra "O Lugar do Vazio" a partir de um processo intuitivo e reflexivo. Utilizei madeira para formar uma estrutura simples em formato de casa, mas sem completá-la, deixando um espaço vazio que simboliza ausência e incompletude. Escolhi o branco como cor predominante, representando neutralidade e silêncio, enquanto o interior abriga as palavras "O Lugar do Vazio" em vermelho, destacando o contraste entre presença e ausência. A pintura foi aplicada de forma homogênea, buscando enfatizar a pureza do vazio. A ideia central era criar uma casa que fala não com sua forma ou função, mas com as vozes que ecoam no vazio, remetendo às memórias e às ausências que nos habitam.

Título: O Lugar do Vazio

Material; madeira, eucatex, tinta spray e acrílica

Cola e pregos

Dimensões: 18x25x15

Ano 2024

Artista Romário Batista



Netto Vrt

O Desespero Como Vestimenta

Sinopse: Gesticulando movimentos que refletem um desespero inerente ao personagem (sem nome). A busca por encontrar uma identidade e a negação da mesma, o filme narra o pensamento momentâneo de uma crise, aonde a busca pela identidade é o centro das atenções.

Ficha técnica

Título: O Desespero Como Vestimenta

Técnica: Videoperformance

Autoria: Ernesto Valdez

Ano: 202



Patrícia Costa

Título: O som do Silêncio

Formato e duração: Vídeo - 30 segs.

Contexto: O som do silêncio, a ausência dos sons, dos barulhos o ouvir mais profundo, o ouvir você mesmo e sua alma. Uma hiperligação com o seu eu interior, paz, centralidade e felicidade.

Descrição da obra: Imagem de paisagem bucólica com palavras dançando ao som do silêncio.

Objetivo e mensagem:

O som do silêncio é subjetivo, singular é para muitos inquietante, angustiante e até assustador, para mim reflete paz, prazer e alimenta minha alma, é necessário e prazeroso. Por mais que seja abstrato o som do silêncio é muito bonito e revigorante. O vejo como um dos elementos da natureza. como temos o ar, água, terra e fogo. Incluo o silêncio.



Rodrigo Novack

Obra "A alma animal"

Minibio:

Rodrigo Novack, 30 anos, natural de Major Vieira, SC, é um artista ceramista especializado em cerâmicas sonoras.

Influenciado pela literatura fantástica e pela natureza ao redor de sua casa na infância, ele desenvolve sua imaginação e paixão pela expressão do que é humano frente às sombras do mundo.

Seu trabalho resulta em cerâmicas que transcendem o objeto, tornando-se portais para um universo de magia e mistério.

Sinopse:

"A alma animal" apresenta uma máscara feita em cerâmica, esmaltes vidrados e mescla de materiais naturais, como sementes e folhas de palmeiras costuradas a uma base de algodão cru e metal. Seu tamanho total é de 1,5m de altura por 48cm de largura e 40cm de profundidade.

Ela surge de um desejo do artista de conjecturar uma corporeidade para o animal primitivo que está sempre solto nas bordas do inconsciente coletivo e nos invade quando, na natureza, pressentimos espíritos naturais muitas vezes anímicos.

Como uma máscara sonora, ela permite que o observador estabeleça uma relação criadora com a peça, pois ele é convidado a utilizar um tubo como canal de sopro para ativar o mecanismo sonoro localizado na língua da peça. Surge assim uma brincadeira sonora que se junta à interpretação simbólica para permitir um reencontro das pessoas com seu inconsciente, agora revelado.

Ficha técnica:

Nome da obra: "A alma animal".

Artista: 3olhos

Técnica e materiais: Argila marfim, esmaltes cerâmicos, sementes de árvores e folhas secas de palmeiras costuradas a uma base de tela metálica envolvida em algodão cru. Uso de cano de PVC articulado. Mescla de

técnicas de placa, pinching e modelagem manual. Queima da parte cerâmica em forno elétrico a 1240 graus celsius.

Dimensões: 1,5m de altura, 48cm de largura e 40cm de profundidade.

Ano de produção: 2024.

Informações adicionais: Máscara número 2 da série animistas. Suporte através de tripé elevado.



Salete Lottermann

Salete Lottermann

Dia de passeio, vídeo MP4, 60", 2024.

Imagens e sons capturados durante os passeios que fiz com meu cachorro, nas vias próximas de casa. Um dos espaços visitados é uma praça que é ponto de encontro dos pets e seus tutores, formando uma comunidade que frequentemente se encontra no início da manhã e final de tarde.

Este local tem muitas árvores e faz parte de um Centro Cultural. Aos domingos acontece feiras e seu público aumenta: carros, motos, expositores, crianças, cachorros...

Se o silêncio incomoda muitas pessoas porque as convida a ouvirem a si mesmas, a intensa profusão de sons pode entorpecer a ponto de não definirmos mais os sons da natureza e o sons produzidos por máquinas.



Luciana Rosário

ASHIA

Sinopse:

Trata-se de um vídeo que exhibe uma sequência de imagens contrastantes e paradoxais da realidade socioambiental, provocando uma reflexão sobre as injustiças e desigualdades que marcam o cotidiano e a ineficiência das políticas públicas do país. Ele oferece uma visão de um país dividido entre o céu e o inferno, onde a miséria e a opulência coexistem de maneira desigual e cruel.

Ficha Técnica:

Fotografias do Brasil em chamadas e sob a água.

Luciana Rosário

Colagem digital - Projeto realizado no Canva, Sons colhidos no ambiente doméstico e digitalmente.

2024

Mini Bio:

Luciana Rosário

Fisioterapeuta - 2004-2008 - Autônoma;

Gestora Administrativa - 2009-atual -

UNICAMP; Membro da Comissão Assessora de Diversidade Étnico-Racial (CADER-UNICAMP); Pós-Graduada em Epidemiologia - FCM-UNICAMP; Co-Criadora da obra "DNA PRETO" exposta da 3ª BIENAL BLACK no Rio de Janeiro e na Mostra de Arte de Brasileiros em Socorro; Escritora e promotora da Oficina de Escrita Criativa ocorrida na mesma Bienal supra mencionada; Voluntária no "Projeto Mudando a Minha História" - <https://mudandominhahistoria.org/>



Paloma Carmelita

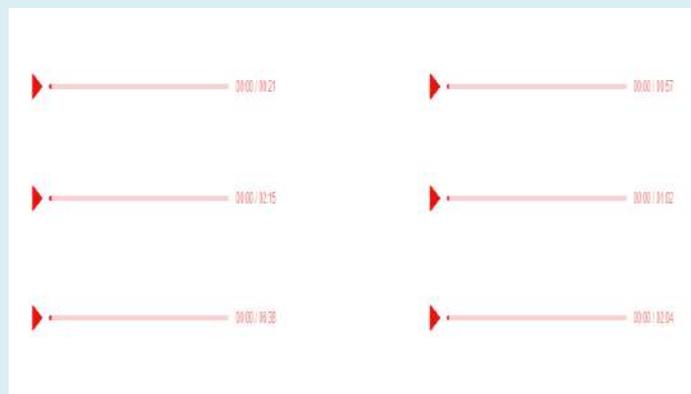
Sinopse:

Título: Alquimia particular

Formato e duração: 1 minuto mp4

Descrição: Ecos é uma captura de ruídos produzidos através do trabalho no ateliê em consonância com o trabalho na cozinha, trabalhos esses que nutrem as casas e vestem os corpos, fazendo a manutenção da vida.

Objetivo da obra: Este trabalho tem como objetivo trazer esse som tão comum na execução desses trabalhos, e que acabam passando despercebidos, que compõem uma interessante sinfonia de movimentos e ritmos cotidianos.



Olhoteu

empilhar enquanto há tempo

SINOPSE

“empilhar enquanto há tempo” reúne memórias de família, autorretratos e pedras que convidam a um mistério íntimo. As composições revelam camadas do tempo e histórias de um menino. As imagens mesclam técnicas mistas e pequenos gestos que refletem a formação do masculino, as muitas narrativas que carregamos e de como olhar para a infância - suas escolhas, registros e silêncios - pode transformar nossas relações como o todo. O conjunto traz uma versão da história que se revela no agora.

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: pedras e desenho sob familiar estrutura

olhoteu - teuller morais de aguiar

papel cartão preto e fotográfico fosco

55 x 45 cm

2024

Mini Bio:

Teuller é artista visual, fotógrafo e designer gráfico. Em sua busca por escapar das telas, explora a criação

de imagens por meio de mídias mistas, realizando gestos que combinam técnicas analógicas, digitais e intervenções em fotografias. Participou de exposições coletivas como Poster Contest da Fundação Stickel em São Paulo (2024), Artes Visuais no Vale do Aço, em Belo Horizonte (2023) e Ipatinga (2022). Idealizador da Galeria Olho (2023), ateliê aberto e espaço dedicado às artes visuais localizado no centro-norte de Timóteo, Minas Gerais, cidade onde vive e trabalha. @olhoteu



Isabel Miranda

Natureza dos Encontros

Sinopse: Natureza dos Encontros acolhe a coleta de elementos, movimentos e uma presença atenta, na composição performática com a narração e sons poéticos do cotidiano.

Durante algum tempo, caminhadas diversas foram feitas com olhar e escuta atenta. Caminhadas que pediam outra qualidade de percepção a respeito do modo de ver e viver as coisas. Tudo pode vir a ser um encontro, quando se sente com o corpo ativo em todos os seus sentidos.

Ficha técnica

Título: Natureza dos Encontros

Técnica: Videoperformance

Autoria: Isabel Miranda

Ano: 2024



Angela Xavier

Cerro dos Porongos - Fevereiro de 2020

Já foste envolvida por uma sensação encantadoramente perturbadora? Então, minha viagem ao sítio de Porongos foi assim. Enquanto procurávamos o Cerro, meu coração acelerado parecia querer se libertar do peito. Meus olhos reconheciam um território nunca antes visto.

Havia um vento estranho, que mais parecia um lamento, quase podia escutar vozes sussurrando ao meu ouvido. Quando finalmente encontrei Porongos, uma paz tomou conta de mim, mansidão que contrastava com a ansiedade vivenciada minutos antes. Desci do carro. Meus olhos percorreram cada pedaço do território do massacre. Um sentimento forte me ceifava a voz, não brotaram lágrimas, mas a convicção do que há muito tempo já suspeitava.

Um chão repleto de significado, testemunha de um sangrento e cruel conflito. Singelas homenagens denunciavam que o local já havia sido um campo de batalha. Imponentes lanças representavam um tributo pertinente à magnitude dos guerreiros reverenciados. Tudo parecia compor um

ambiente sacro, onde árvores frondosas se destacavam pela posição privilegiada de contemplação do confronto. Abracei uma delas, que parecia querer me confidenciar um segredo, já conhecido. Fechei os olhos e nos confortamos mutuamente. Em determinado momento, tive o intenso desejo de abrir os braços e voar. Fui arrebatada por uma energia muito forte, que percorreu cada centímetro do meu corpo, como se fosse uma forte corrente elétrica. Então, fechei os olhos e por um instante não estava mais sozinha, já não era mais a mesma nunca mais sentiria o mundo da mesma forma.



Isabella Haru

Sinopse:

GRWM - TO GO TO WORK

Vídeo, 3'11"

Utilizando das tendências das novas redes sociais e a cultura de consumo da internet, "Get

Ready With Me - Para ir ao trabalho" tem como objetivo expressar as violências simbólicas

passadas por pessoas indígenas em contexto urbano, que ao saírem para o trabalho,

precisam se "des-racializar", como vestir uma fantasia de branco para que possam

sobreviver as cidades que nos marginalizam. O vídeo-performance convida o espectador a

refletir sobre a relação entre racismo, capitalismo e gênero.

Ficha Técnica:

GRWM - To go to work

Isabella Haru

Videoperformance

3 minutos e 11 segundos

1080 x 1920 pixels



Juliana Araújo

Título: Vulvas: sagrado profano .

Sinopse:

A vídeo performance criada através de inteligência artificial busca através do método do espelhamento das imagens criar objetos abstratos em formatos de vulvas . O vídeo é uma performance do processo de modelagem das peças criadas em cerâmica para a obra o Gozo: que aborta o descaso e as violências enfrentadas pelas mulheres e sua liberdade sexual e reprodutiva

Ficha técnica

Vilvas: sagrado profano

Juliana Araújo

Vídeo performance - mp4

90 segundos

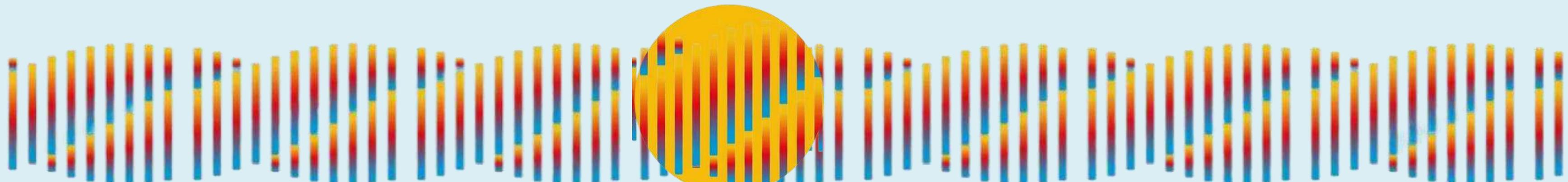
Agosto/24

Participantes:

Juliana Araújo

Minibio: Juliana Araujo é artista visual, escritora e produtora cultural .Trabalha com a cerâmica e literatura desde 2016 onde intensifica seu trabalho na pesquisa de sua ancestralidade dentro da cerâmica brasileira.





Instituto Black Brazil Art
Residência Artística Virtual Compartilhada
<http://www.residência-bba.com>
<https://www.blackbrazilart.com.br>
<https://www.bienalblack.com.br>
E-mails:
ravcresidenciaartisticavirtual@gmail.com
blackbrazilarte@gmail.com
Instagram/[@bienalblackbrazilart](https://www.instagram.com/bienalblackbrazilart)
Canal YouTube/[@BlackBrazilArt](https://www.youtube.com/@BlackBrazilArt)
WhatsApp (47) 98911.005

